



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

RAÍSSA DE OLIVEIRA CORREIA

NEOLIBERALISMO E LAÇO SOCIAL NO FILME *ELA*, DE SPIKE JONZE

Brasília

2023

RAÍSSA DE OLIVEIRA CORREIA

NEOLIBERALISMO E LAÇO SOCIAL NO FILME *ELA*, DE SPIKE JONZE

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito básico à conclusão do curso de Psicologia.

Professor-orientador: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Brasília

2023

RAÍSSA DE OLIVEIRA CORREIA

NEOLIBERALISMO E LAÇO SOCIAL NO FILME *ELA*, DE SPIKE JONZE

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito básico à conclusão do curso de Psicologia.

Banca examinadora

Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas (Orientador)

Prof. Dr. Guilherme Freitas Henderson

Bruno Damando Fujichima

BRASÍLIA, JUNHO DE 2023.

Ao meu orientador, por todos os ensinamentos e encorajamentos.

Ao meu amado noivo, Bernardo, pelo suporte e inspiração.

À minha família, amigos e amigas, por acreditarem nos meus sonhos e compreenderem as ausências.

A Deus, minha força e fortaleza.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso problematiza o modo como o neoliberalismo influencia na formação e manutenção dos laços sociais e como se dão as configurações subjetivas diante do discurso neoliberal. Tem por objetivo analisar as relações entre o discurso neoliberal e os laços sociais, buscando compreender os diálogos, influências e impasses promovidos nas subjetividades. Inicia-se apresentando a noção de sujeito para a psicanálise, explorando o inconsciente como um fundamento teórico e a importância da linguagem e da dimensão simbólica na constituição psíquica. Nesse contexto, destaca que a relação com um Outro, materno, opera pela via da completude até a entrada de um terceiro, na função paterna, que marca a falta estrutural do sujeito, no chamado complexo de Édipo. Parte para a reflexão de que é a partir do desamparo e do vazio fundamental que se abre espaço para a circulação do desejo e para a formação do laço com o outro; e destaca que a linguagem compõe os discursos que organizam diferentes tipos de enlace com o outro. Debate como na atualidade, o discurso neoliberal vigente prescreve novas maneiras de subjetivação e relacionamento consigo e com o outro, baseadas no individualismo, na lógica de mercado e nos avanços tecnológicos. Compreende-se que estes elementos influenciam na formação e manutenção dos laços sociais, promovendo relacionamentos líquidos, efêmeros e frágeis. Com o apoio da metodologia da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, realiza-se a análise do filme “Ela” (2013), refletindo sobre a história de um homem que se apaixona por um sistema operacional inovador instalado no seu computador. Observam-se os ideais do discurso neoliberal presentes no filme e os aspectos que deles derivam, como as fantasias de completude por meio dos objetos de consumo, a precarização do laço social e o empobrecimento da linguagem simbólica.

Palavras-chave: Discurso; Neoliberalismo; Laço; Sujeito; Relacionamento; Psicanálise.

ABSTRACT

This undergraduate thesis problematizes how neoliberalism influences the formation and maintenance of social bonds and the configurations of subjectivity in face of neoliberal discourse. Its objective is to analyze the relationships between neoliberal discourse and social bonds, aiming to understand the dialogues, influences, and impasses that occur in the subjectivities. It begins by presenting the concept of the subject in psychoanalysis, exploring the unconscious as a theoretical foundation and emphasizing the importance of language and the symbolic dimension in psychic constitution. In this context, it highlights that the relationship with the Other, particularly the maternal Other, operates through a pursuit of completeness until the intervention of a third party, in the paternal function, which marks the structural lack of the subject in the Oedipus Complex. It further reflects on how it is through helplessness and fundamental emptiness that space opens for the circulation of desire and the formation of bonds with others, emphasizing that language constitutes discourses that organize different types of connection with the other. The thesis discusses how contemporary neoliberal discourse prescribes new forms of subjectivation and relationships with oneself and others, based on individualism, market logic, and technological advancements. These elements influence the formation and maintenance of social bonds, promoting liquid, ephemeral, and fragile relationships. With the support of Michel Pêcheux's Discourse Analysis methodology, the film "Her" (2013) is analyzed, reflecting on the story of a man who falls in love with an innovative operating system installed on his computer. The film portrays the ideals of neoliberal discourse and their derived aspects, such as fantasies of completeness through consumer objects, the precariousness of social bonds, and the impoverishment of symbolic language.

Keywords: Discourse; Neoliberalism; Bond; Subject; Relationship; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 SUJEITO, NEOLIBERALISMO E CONFIGURAÇÕES DO LAÇO SOCIAL.....	11
1.1 O SUJEITO PARA A PSICANÁLISE E O LAÇO COM O OUTRO.....	11
1.2 OS LAÇOS FLUIDOS COMO PRODUTOS DO DISCURSO NEOLIBERAL..	18
2 METODOLOGIA.....	26
3 ANÁLISE DO FILME “ELA”.....	29
3.1 “SÃO SÓ CARTAS”: O DISCURSO NEOLIBERAL E A CENTRALIDADE DO MERCADO.....	30
3.2 “ESSE VAZIO MINÚSCULO NO MEU CORAÇÃO” E A ILUSÃO DE COMPLETUDE.....	33
3.3 A FRAGILIDADE DOS LAÇOS SOCIAIS NA MODERNIDADE LÍQUIDA, O EXEMPLO DE THEODORE.....	38
3.4 SAMANTHA E A DIMENSÃO DA LINGUAGEM.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

INTRODUÇÃO

Modernidade líquida, sociedade de consumo, hipermodernidade, globalização, era digital, pós-modernidade, neoliberalismo, esses são alguns dos termos que são utilizados para caracterizar a contemporaneidade. O tempo é acelerado e as fronteiras entre o físico e virtual são diluídas. A sociedade é do cansaço; ansiedade, depressão, Burnout e descontentamentos são frequentes. O consumo apazigua o mal-estar, nos traz uma alegria momentânea e, insatisfeitos, buscamos sempre mais. Nas tecnologias, procuramos informações em excesso e refúgio para as angústias.

A relação consigo e com o outro são influenciadas pelos ideais do tempo presente, que se dão na cultura e fazem parte dela. Na atualidade, o individualismo, cada vez mais ampliado, prescreve relacionamentos líquidos e efêmeros em sua maioria. Olhamos para o outro, com o qual queremos nos enlaçar, mas nem tanto. Constantemente vivenciamos laços amorosos com amigos, familiares, colegas de trabalho e cônjuges, e os encontros se fazem presentes de maneiras peculiares na contemporaneidade.

Os anúncios amorosos no jornal foram atualizados para os aplicativos de relacionamento, como o *Tinder*, um dos pioneiros e líder do mercado há 11 anos. Utilizados para encontros amorosos, mas também para fazer novas amizades e para expandir o *networking*, os aplicativos de relacionamento evidenciam transformações nas maneiras de lidar com os relacionamentos, com o amor e com o sexo. Existem milhares de plataformas semelhantes ao *Tinder*, e elas apresentam uma variedade de funcionalidades, como mostrar pessoas por quem você passou ao longo do dia, permitir que apenas mulheres tomem a iniciativa da conversa ou focar especificamente na comunidade LGBTQIAPN+. Pesquisas recentes apontam que o número de usuários desses aplicativos tem crescido. Cerca de 60% dos brasileiros utilizam apps de namoro (OS 5, 2022) e o Brasil perde apenas para os Estados Unidos em termos de maior mercado consumidor do mundo dos serviços desse tipo de plataforma. Durante o período da pandemia (Covid-19), o interesse por encontrar o “match perfeito” aumentou em 215% (REDAÇÃO GQ, 2021).

No mercado *on-line* dos relacionamentos, com apenas alguns cliques, você curte ou não outros usuários, considerando o perfil apresentado por eles. Cada um coloca na prateleira características sobre si selecionadas previamente, e que pareçam mais atrativas. Os perfis supostamente desinteressantes são rapidamente descartados, passando-se para o próximo. A inteligência artificial trabalha também para gerar o “match perfeito”. Considerando os fatos apresentados, pergunta-se: de que forma o uso desses aplicativos influencia nas subjetividades

e revela novos modos de as pessoas se relacionarem? Neste trabalho, a fluidez e a volatilidade dos laços sociais, características do discurso neoliberal, serão exploradas.

O neoliberalismo – termo escolhido para caracterizar a atualidade – e seus efeitos serão centrais para nossas compreensões. Em breve retomada histórica, pontua-se que o liberalismo defendia o equilíbrio de mercado, que seria atingido sem a interferência do Estado, bem como a liberdade de comércio, a propriedade privada e o direito natural. O modelo dominante no século XIX entrou em crise, expondo fragilidades que se aprofundaram no pós-guerra e com a Grande Depressão de 1929. Longe de ser uma continuação, um retorno ou restauração do liberalismo, o neoliberalismo refunda suas bases com uma nova racionalidade, na qual a lógica de mercado é generalizada, atingindo – principalmente – as subjetividades. Nesse sentido, “o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 7).

A partir do neoliberalismo, o capitalismo e as sociedades foram profundamente transformadas, influenciando na maneira de nos comportarmos e nos relacionarmos. São prescritas normas que impõem como valores centrais a competição generalizada e a lógica do homem como uma empresa (homem-empresa). Assim, como defendem os autores, as subjetividades plurais passam por um processo de homogeneização e produz-se o sujeito neoliberal, o qual está totalmente engajado ao projeto de gerenciar a si mesmo, como um empreendimento, e adequar suas relações sociais à dinâmica do lucro máximo (DARDOT e LAVAL, 2016).

No contexto neoliberal, o mercado ganha um lugar de destaque, bem como a tecnologia. Ancorados na lógica neoliberal, os relacionamentos passam por transformações, o que inclui o uso de aplicativos de namoro como forma de conexão entre as pessoas. Tal contexto produz uma precarização dos laços sociais, uma vez que eles se tornam cada vez mais fluidos e líquidos, como defende Bauman (2004).

A psicanálise apresenta categorias relevantes para pensar o tema, contribuindo para a discussão, tais como a noção de sujeito do inconsciente, da linguagem e do desejo, apontando para a importância do Outro e do reconhecimento da falta como estrutural – estes seriam aspectos opostos ao contexto do neoliberalismo, que apregoa o individualismo e visa anular totalmente a falta por meio da oferta de objetos de consumo e suas promessas de felicidade.

Observa-se que a linguagem já existe antes de nascermos e os pais preparam um lugar para os filhos em seus universos linguísticos, escolhendo um nome, falando sobre o bebê e

imaginando suas vidas. Analisaremos as relações da criança com os falantes a sua volta e como ela vai se apropriando aos poucos da linguagem e utilizando-a para formular demandas, apreender o mundo e simbolizar, constituindo-se como sujeito, numa relação com o Outro (LONGO, 2006; FINK, 1998).

Para a psicanálise, o momento infantil é marcado por uma relação de suposta completude com mãe. Essa relação é posteriormente rompida pela entrada de um terceiro, que ocupa a função paterna, configurando o chamado complexo de Édipo. De acordo com Lacan, ao ingressar na linguagem, há uma perda de satisfação, uma renúncia inevitável. Isso revela o desamparo como uma condição humana, uma vez que a criança precisa recorrer a um Outro, formando o laço social. A busca pela satisfação originária e o retorno a esse estado de completude com a mãe são constantes. O amor, nesse sentido, remete “à esperança humana de encontrar a completude, na restauração da perda original, colocada por Freud como a experiência de uma satisfação inicial que foi perdida” (KUSS, 2015, p. 20).

Pontua-se que a linguagem exerce um papel importante na ordenação dos laços sociais que são estabelecidos entre os seres humanos. Isto porque o discurso é o que faz laço; o que preconiza tipos específicos de enlace com o Outro, como ocorre no contexto do neoliberalismo (KUSS, 2015; SOLER, 2011). Nota-se que os ideais da cultura atravessam as experiências dos sujeitos e os discursos vão sofrendo transformações constantemente, acompanhando as mudanças culturais. Assim, “a fala de um sujeito é necessariamente vascularizada pelas vozes da cultura de que faz parte, dentro de uma sincronia em constante mutação” (LONGO, 2006, p. 9).

O neoliberalismo pode ser definido como “o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens, segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 15). Há uma transformação dos discursos, que passam a girar em torno da lógica empresarial, promovendo um desenlace em função dos imperativos de individualismo, consumo e virtualização. De um modo geral, triunfa nos laços sociais uma mercantilização, isolamento, precariedade, desconfianças e decepções (SOLER, 2016).

O objetivo geral do presente trabalho é analisar as relações entre o discurso neoliberal e os laços sociais, buscando compreender os diálogos, influências e impasses promovidos nas subjetividades. Dessa forma, pergunta-se: de que modo o neoliberalismo influencia na formação e manutenção dos laços sociais? Como se dão as configurações subjetivas diante do discurso neoliberal?

Como objetivos específicos, propõem-se (i) explorar como se configura o sujeito para a psicanálise, bem como as relações entre a linguagem e o laço social; (ii) identificar os principais ideais presentes no neoliberalismo e as subjetividades produzidas e (iii) investigar os impactos do discurso neoliberal no modo como as pessoas se relacionam.

A estrutura do trabalho é composta por dois momentos. No primeiro, realiza-se uma análise teórica que visa explorar os referenciais psicanalíticos para a construção da noção de sujeito, bem como compreender o discurso neoliberal e seus impactos na formação dos laços sociais. No segundo momento, utilizando a metodologia da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise, busca-se examinar diálogos e cenas do filme “Ela” (2013), o qual retrata a relação amorosa entre um homem e o sistema operacional de seu computador.

1 SUJEITO, NEOLIBERALISMO E CONFIGURAÇÕES DO LAÇO SOCIAL

1.1 O SUJEITO PARA A PSICANÁLISE E O LAÇO COM O OUTRO

A psicanálise se inicia a partir da experiência de Freud com as chamadas mulheres histéricas. Ele percebe que os sintomas físicos manifestados por essas pacientes não encontravam uma causa biológica, ou seja, no próprio corpo. Nesse contexto, surge a hipótese do inconsciente como uma instância relacionada aos sintomas histéricos. Importa pontuar que a noção de inconsciente é essencial na psicanálise. Segundo Perez (2012, p. 34), “nem a clínica nem a teoria psicanalítica poderiam existir ou progredir sem o *Inconsciente*”.

Freud identifica sua descoberta como sendo uma das feridas na ilusão narcísica que atravessa a história do ocidente. Isto porque, segundo o fundador da psicanálise, o “eu não é senhor da sua própria morada”. As ações e decisões não seriam totalmente governadas pelo homem consciente, mas por determinações inconscientes que o influenciam. Tais ideias surgem no âmago da modernidade, na qual prevalecia o discurso científico, com a valorização da razão e da noção de indivíduo. A concepção de inconsciente opera na contramão do que vigorava, propiciando uma perda da soberania do eu, bem como da consciência e da razão (TOREZAN e AGUIAR, 2011).

Pontua-se que a psicanálise não opera com a categoria de indivíduo, compreende o sujeito como cindido, pois haveria no psiquismo duas instâncias de funcionamento – o consciente e o inconsciente. O inconsciente possui uma ordem diferente da consciência, sendo regido por leis próprias dotadas de uma estrutura. Não se trata de um caos, misterioso e ilógico (TOREZAN e AGUIAR, 2011). O aforismo lacaniano de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” aponta para uma aproximação entre os mecanismos de funcionamento da língua e a estrutura do inconsciente. Opera um tipo de gramática no nível do inconsciente, cadeias de significantes, palavras, fonemas, letras, que se organizam conforme regras da linguagem (FINK, 1998; TOREZAN e AGUIAR, 2011). Lacan se debruça sobre a importância da linguagem, a qual está na base de sua teoria.

Os atos falhos, esquecimentos, sonhos, chistes e sintomas são vias de acesso ao inconsciente, chamados de formações do inconsciente. Através da linguagem, tais conteúdos encontram um caminho para se manifestar. Em um lapso de fala, por exemplo, o sujeito cindido e inconsciente emerge. Nas formações do inconsciente, há um saber que é veiculado através dos significantes, na cadeia discursiva, em relação a um universo simbólico (FINK, 1998; JORGE, 2008; TOREZAN e AGUIAR, 2011).

Para compreender melhor o que seria um significante, pontua-se que Lacan recorre às contribuições da linguística de Ferdinand de Saussure. A noção que nos interessa por ora é a de significante como uma imagem acústica, que vai se ligar a um significado (conceito, ideia) para a construção de um signo linguístico. O signo seria a unidade indissociável entre significante e significado. O significante não guarda uma relação direta e necessária com o significado, mas a relação é regida por uma contingência – é convencional. Isso pode ser evidenciado pelo fato da existência de diversas línguas, nas quais os mesmos conceitos são expressos através de diferentes sons. Destaca-se que um único significante pode apresentar uma pluralidade de significados, e o significado é um efeito da articulação entre pelo menos dois significantes. Confere-se uma primazia do significante sobre o significado, pois este somente é produzido a partir da relação que se dá entre os significantes – na cadeia de significantes (JORGE, 2008).

A noção de sujeito proposta aqui é intimamente vinculada ao inconsciente e à linguagem. Para prosseguirmos na construção da categoria de sujeito, salienta-se que opera na psicanálise uma diferença entre o “eu” e o "sujeito". Os dois termos não devem ser tomados como equivalentes, embora estejam intimamente relacionados. A constituição do eu ocorre através da imagem do outro, marcada por uma vivência infantil nomeada por Lacan de Estádio do Espelho.

Inicialmente, a criança experimenta seu corpo como algo não-unificado, disperso, fragmentado. Na dialética com o espelho é favorecida uma noção de unidade corporal própria. A vivência pode ser dividida em três tempos fundamentais. No primeiro deles, a criança não reconhece a imagem no espelho como sendo a sua, agindo como se se tratasse de um outro. Na segunda etapa, ela cessa de tentar pegar aquilo que está no espelho, pois descobre que esse outro do espelho é apenas uma imagem e não um objeto real. Aqui, a *imagem* do outro é distinguida da *realidade* do outro. No terceiro tempo, há um reconhecimento de que essa imagem refletida é sua própria imagem. A dimensão do corpo esfacelado é recuperada em uma unificação. A identificação primordial é realizada através da imagem do corpo – sustentada na dimensão imaginária (DOR, 1989; LONGO, 2006).

Em resumo, na experiência do Estádio do Espelho, a criança forma uma unidade corporal por meio da percepção de sua própria imagem e de uma identificação com o outro – seu semelhante. Nesse sentido, “basta-nos compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949/1988, p. 98).

O sujeito será formado na passagem do imaginário ao simbólico, com a inserção da linguagem (LONGO, 2006). Nas palavras de Fink (1988, p. 9), “Lacan define o sujeito como uma posição adotada com relação ao Outro enquanto linguagem ou lei; em outras palavras, o sujeito é uma relação com a ordem simbólica”. O cuidador, na função materna, reconhece através de palavras que essa imagem da criança é verdadeira. Há um reconhecimento simbólico que vem do lugar do Outro (JORGE, 2008).

Normalmente, quem está mais próximo do bebê é a mãe, e ele depende dos cuidados dela. Pontua-se que ao nos referirmos à “mãe” não estamos falando, necessariamente, da mãe biológica, mas da função materna de forma mais ampla, que pode ser ocupada por outras pessoas. No momento inicial de vida, o recém-nascido possui aquilo que necessita sem articular seus pedidos em palavras. Expressa sons e movimentos corporais, chora e esperneia, e isso pode ser interpretado pela mãe, por exemplo, como fome ou sono. Observa-se que outra pessoa fala por ele e nomeia suas necessidades – ele é falado. Com o passar do tempo, o infante precisa dirigir uma demanda em forma de pedido aos seus cuidadores para que atendam suas necessidades, assim, a criança vai se apropriando do mundo da linguagem.

Nota-se que há uma dependência constitutiva de outra pessoa, situação que é nomeada por Freud como desamparo fundamental. Isto porque o bebê apenas sobreviverá se inscrito em uma ordem familiar e social. É exigida a intervenção de outra pessoa para que o ser humano continue vivo, suprimindo suas necessidades, exigências fisiológicas e de afeto. Nas palavras de Kuss (2015, p. 18), “sabe-se que um bebê não vive se não for amado por alguém que, na função materna, o acolha, o alimente, o deseje e o insira na linguagem”.

Lacan propõe a categoria do Outro para pensar a constituição do sujeito nessa relação com um adulto próximo. O Outro corresponde a uma ordem simbólica que é introduzida na ação de cuidar, indo além de apenas a pessoa física cuidadora do bebê. Trata-se do “lugar do significante e o registo do simbólico” (JORGE, 2008, p. 92). O Outro abriga diversos significantes oriundos do social e do cultural, com seus valores e princípios (ELIA, 2004).

Assim, observa-se que o sujeito é um ser de linguagem, um ser falante e falado, que se constitui em um mundo de linguagem e apenas pode ser concebido a partir disso, recebendo um conjunto de significantes do Outro. Quando a criança nasce, já existem diversos significantes e elementos que a circundam, como a cultura, sociedade, família e a própria linguagem. O Outro é prévio ao sujeito e vai moldando os desejos da criança (ELIA, 2004; FINK, 1998). Quinet (2012, p.11) afirma que, no Outro, “cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age”. Dele procedem “as

determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido”.

Para a psicanálise, o sujeito é ainda marcado por uma falta e pelo desejo. A experiência do desamparo, na medida em que revela nossa dependência, evidencia uma falta fundamental. Lacan utiliza a expressão “falta-a-ser”, pois ela aparece ao nível do ser como estrutural, inerente à nossa condição de seres humanos e parte da nossa constituição psíquica. (ROCHA, 1999; ELIA, 2004).

A falta se relaciona também com a inserção do sujeito na linguagem. “Lacan ratificou a teoria de Freud ao observar que, por nascermos na linguagem, já nascemos faltosos, castrados, pois a própria linguagem tem furos, deixa brechas, não se pode dizer tudo” (BADIN; MARTINHO, 2017, p. 141). Ao entrar na ordem simbólica, portanto, há perdas, a linguagem não abarca tudo. Destaca-se que é a partir da falta que o desejo emerge. Em outras palavras, o sujeito psicanalítico só é desejante na medida em que algo falta. Então, a falta causa o desejo e o faz circular.

Para entendermos melhor tais questões, analisemos o complexo de Édipo, conceito descrito inicialmente por Freud e desenvolvido por Lacan, que discorre sobre as relações entre a mãe, a criança e a “imagem” paterna. A partir dele podemos explorar o ingresso do infante no universo simbólico, – o que, como dito, é essencial para constituição subjetiva – bem como o sujeito do desejo e da falta. O Édipo não se trata apenas de um drama que a criança vivencia, mas uma experiência na qual ela vai se apropriando do seu próprio desejo e do seu inconsciente, configurando respostas para a falta, a castração e lendo o desejo do Outro (DUNKER, 2016).

Nos momentos iniciais da relação edípica, há uma indistinção com a mãe. A criança acredita que é o objeto de desejo da mãe – o seu falo. Ela se coloca como aquele que a completa e preenche suas lacunas, suprimindo a falta que marca a incompletude humana. O Falo não deve ser compreendido aqui como parte do corpo ou algo material. Seria aquilo que no nível simbólico é capaz de preencher o vazio estrutural, um significante da falta que estrutura o desejo (COSTA, 2010).

Posteriormente, ocorre uma interrupção dessa ilusão de completude. A criança vai percebendo que não é o objeto máximo do desejo do Outro, o pai intervém na relação e priva a mãe e a criança do Falo, operando uma castração simbólica. Há um encontro com a Lei do Pai. “O pai tem o Falo, a mãe não tem o Falo e o seu filho não é o Falo” (LONGO, 2006, p. 51). Importa pontuar que a menção ao pai se trata da função paterna, havendo um deslocamento do pai do lugar do genitor para a esfera simbólica. A metáfora paterna “inscreve

a impossibilidade de completude de todo ser humano e possibilita sua inscrição enquanto sujeito do desejo” (COSTA, 2010, p. 9).

Há aqui também a entrada na estrutura da linguagem. Lida-se com processos de simbolização e não apenas com relações imaginárias de completude como ocorria nos momentos anteriores. Destaca-se que apenas a partir da ordem simbólica fala-se em desejo. Segundo Fink (1998, p. 26), “o desejo habita a linguagem – e em uma estrutura lacaniana não há, a rigor, desejo sem linguagem”.

Acrescenta-se que no Édipo opera uma dinâmica de perda de objeto. A satisfação primária, na qual a criança e mãe se completariam, é interrompida pelo pai. Sobre isso, Kuss (2015, p. 23) esclarece que:

O desejo se funda na perda do objeto, momento esse que marca a entrada do sujeito em uma relação contínua com uma insatisfação. E como não há o objeto, o desejo não se realiza. O desejo se mantém sempre insatisfeito. Tal insatisfação leva o sujeito falante a uma contínua busca por novos objetos, sempre na tentativa de encontrar esta satisfação. Isso marca a relação do sujeito com o objeto de um modo que é fugaz, pois se está sempre em busca de novos objetos, que proporcionem a plenitude da satisfação.

Dessa forma, as satisfações são sempre parciais e Freud vai nomear de desejo justamente o movimento de busca pela primeira satisfação que foi perdida. Observa-se que o desejo está sempre endereçado a um Outro. Lacan afirma em um aforismo que “o desejo humano é o desejo do Outro”. O que desejamos na realidade não é um objeto, mas outro desejo. “Grosso modo, para a psicanálise, o que o homem deseja é ser reconhecido pelo desejo do Outro, ser amado, desejado pelo Outro, estando a noção de desejo atrelada à de um vazio infundável, para o qual não há objeto que lhe dê cabo” (TOREZAN e AGUIAR, 2011, p. 539; KUSS, 2015).

Dito isso, o chamado objeto *a*, essencial nas teorizações lacanianas, demarca um vazio e é o objeto causa do desejo. Como vimos, o desejo desliza de objeto em objeto – em um fluir metonímico – sem jamais se encerrar em uma plena satisfação. Qualquer objeto que cumpra a função de trazer uma satisfação, parcialmente, e causar o desejo pode ser compreendido como objeto *a*. Ele “se caracteriza pela ausência e falta” (TOREZAN e AGUIAR, 2011, p. 542).

Diante da falta fundante, o sujeito recorre ao Outro – momento no qual se dá o laço social. Não se trata, portanto, apenas da experiência do nada, mas sim de uma abertura para novas possibilidades de ser. Nas palavras de Rocha (1999, p. 324):

[...] a essência do desamparo é a solidão e o sentimento de impotência, constituídos pela impossibilidade do sujeito de encontrar sozinho uma saída para a situação em que se encontra. Mas ela não termina aí, porque, ao mesmo tempo e normalmente, o **desamparo abre para a alteridade. Ele é um grito desesperado de ajuda lançado na direção do outro** (grifos nossos).

Segundo ideia enunciada por Freud em seu texto “O mal-estar na cultura” (1930/2020), a cultura desempenha o papel de regular os laços entre as pessoas e possibilitar a vida em comunidade. Para o sujeito entrar nessa cultura e estabelecer laços, há a exigência de uma renúncia pulsional. Ou seja, o humano deve limitar suas possibilidades de satisfação em prol do convívio social. Este cenário de abdicação produz uma espécie de mal-estar subjetivo (BADIN; MARTINHO, 2017).

O autor identifica três fontes de sofrimento humano: (i) o próprio corpo, devido às suas fragilidades; (ii) o mundo exterior, em função do poder da natureza e (iii) as relações com outros seres humanos. Em relação à última fonte, Freud pontua que esta talvez seja a que resulte em um sofrimento mais intenso, em função da “inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos seres humanos entre si na família, no Estado e na sociedade”. Desse modo, “uma grande parte da culpa por nossa miséria é daquilo que chamamos de nossa cultura” (FREUD, 1930/2020, p. 332-333).

Os laços sociais configuram meios através dos quais os sujeitos realizam uma gestão do seu desamparo e mal-estar. As ligações do sujeito com o outro se apresentam como um empreendimento da subjetividade. Isto porque uma vez que o desamparo é fundamental na experiência humana, não pode ser “curado”. Não é possível o deslocamento dessa posição originária dos sujeitos, então, efetua-se uma gestão do desamparo por meio do laço social. O vínculo com o outro se constitui como um destino para as pulsões, ordenando o circuito pulsional ao possibilitar a ligação entre as pulsões, seus objetos e representantes (BIRMAN, 1998a/2017).

Além disso, Soler (2011) salienta que é a linguagem que ordena os laços sociais, os quais existem somente porque ela existe. Diversos tipos de vínculos são formados, como os familiares, de amizade, conjugais, profissionais etc. e todos eles são atravessados pelo Outro, pela linguagem. “Devido a essa característica languageira - que não passa necessariamente pelas palavras faladas – Lacan denomina os laços sociais de discursos” (QUINET, 2012, p. 22). O discurso é o que faz laço, são tipos de laço que organizam os enlaces entre as pessoas, atravessam os sujeitos e geram influências e impasses. Segundo Dunker et. al (2016, p. 158), “o discurso é mais claramente posicionado como um nível de linguagem intermediária, entre a fala individual e a história coletiva”.

O psicanalista francês elabora uma teoria dos discursos¹ e já em 1970 identificava que o discurso capitalista desfaz o laço social. “Escreve somente a relação de cada sujeito com certo objeto [...] desfaz todas as solidariedades” (SOLER, 2011, p. 59-60). O desenlace se apresenta como um efeito do capitalismo. A superficialidade nas relações, fragmentação e liquidez crescente dos laços observadas hoje já era enunciada por Lacan desde 1970 (SOLER, 2016).

Lacan afirma que os laços sociais operam como aparelhos de gozo, isso porque há uma organização das formas de gozar, ou seja, de se obter satisfação. Há uma relação com a cultura e o simbólico, uma vez que a linguagem dá contornos e bordas aos sujeitos. Segundo Quinet (2012, p. 22):

Os laços sociais são compostos pelo gozo que a linguagem limita e enquadra, sendo esta responsável pelo estabelecimento do vínculo e por sua manutenção, impedindo, dessa forma, sua ruptura [...] Os discursos como laços sociais compõem o “campo do gozo”, que se encontra para além do campo da linguagem, não deixando, no entanto, de pertencer a este. O discurso instaura relações fundamentais e estáveis mediante o instrumento da linguagem no campo do gozo a partir de uma série de enunciados primordiais que determinam aquele laço social específico.

Em outras palavras, o discurso como laço social estabelece tipos de vínculos, organizando e limitando o gozo a partir da linguagem. Por exemplo, o discurso da atualidade, como veremos, prescreve formas específicas de gozo para o sujeito. Ressalta-se que a psicanálise nos apresenta um modelo de sujeito, o qual está imerso em uma cultura contemporânea, que prescreve ideais que ditam maneiras de como esse sujeito deve ser, pensar, se comportar, agir, sentir, lidar com seu desejo e suas faltas. O neoliberalismo promove novas formas de subjetivação, influências e impasses advindos de seus valores, em especial do individualismo, da centralidade do mercado e dos avanços tecnológicos.

Pontua-se que o desenlace não significa dizer que as pessoas, de forma geral, não buscam mais se lançar ao amor nos relacionamentos. A questão posta é como esses laços adquirem novas configurações na contemporaneidade. Assim, abordaremos adiante os aspectos centrais do discurso neoliberal, com o objetivo de compreender os impactos na formação e manutenção dos laços sociais.

¹ Na teoria lacaniana são propostos quatro discursos: do mestre, da universitária, da histórica e do analista. Posteriormente, a partir de modificações no discurso do mestre, o autor aborda o discurso do capitalista. Há nos discursos um exercício de poder e dominação do agente, praticado sobre o outro. Ao supor o uso da palavra, algo é produzido pelo laço social – produção – e há uma dimensão oculta, que é a verdade que escapa ao dito. Operam quatro posições nos discursos: o agente, o outro, a verdade e a produção. Em cada um dos discursos, os termos: significante inaugural (S_1), saber (S_2), sujeito ($\$$) e objeto (a) ocupam certas posições (LIMA, 2013). Há diversas nuances sobre a teoria do discurso proposta por Lacan, as quais não serão abordadas neste trabalho. Importa apenas ressaltar, para o desenvolvimento das nossas ideias, o argumento central de que discursos são modalidades de laço social e, dessa forma, o discurso neoliberal prescreve formas de enlace entre sujeitos.

1.2 OS LAÇOS FLUIDOS COMO PRODUTOS DO DISCURSO NEOLIBERAL

Novos discursos emergiram no âmbito social, implicando transformações que influenciam as categorias do sujeito e do desejo. Em todos eles, há um enfoque no *eu*, que ocupa um lugar de privilégio. Os destinos do desejo assumem uma marca autocentrada que esvazia o espaço das trocas inter-humanas (BIRMAN, 2017).

Isso dito, a título de um resgate histórico sobre o liberalismo, observa-se que a gênese do seu pensamento se encontra na Europa, no período da Idade Moderna, entre os séculos XVII e XVIII. Trata-se de um grande movimento que propagou suas ideias nas esferas econômica, ética e política, sendo a ideologia fundamental do capitalismo. O liberalismo nasceu com a revolução burguesa e se constituiu numa oposição ao poder absolutista do Estado da antiga ordem feudal. Instituiu como princípio que quanto menos o Estado interfere no mercado e na vida privada, mais são garantidos os direitos naturais do homem à vida, liberdade e propriedade (ABECHE, 2013; BOCK, 2007).

A antiga ordem feudal determinava um mundo estável, hierarquizado, de fé e dogmas religiosos. Prescrevia ideias, normas e valores ordenados pela vontade divina. Neste momento, não há ainda individualidades, a comunidade é o pilar central. A partir do liberalismo, surge uma concepção de indivíduo como aquele capaz de se autodeterminar. Cada um passou a possuir direitos que derivam de sua natureza humana, como a igualdade, a liberdade e a propriedade (BOCK, 2007).

Inicia-se um discurso, pautado na ciência e no capitalismo, sobre o que é o homem e o que ele deve fazer. A grande ênfase está no indivíduo capaz de ser, pensar e agir, rompendo com o mundo rígido anterior. A noção de eu se desenvolve e o poder da comunidade vai perdendo força. Frisa-se que tais ideias liberais são necessárias ao sistema capitalista, pois é necessário o indivíduo livre, produtivo e consumidor para que possa atingir os propósitos lucrativos. Entretanto, após o auge do liberalismo no século XIX, essas formulações entraram em crise. Especialmente com o pós-guerra, a ascensão da ideologia socialista, do Estado do Bem-estar Social (intervencionista) e a Grande Depressão de 1929 (ABECHE, 2013; BOCK, 2007).

Na sociedade do século XX, vigora um novo liberalismo – neoliberalismo –, alçado em uma racionalidade que possui um conjunto de discursos, práticas e dispositivos específicos. A lógica de mercado é expandida para todos os âmbitos da vida das pessoas e atinge principalmente as subjetividades. Desse modo, há efeitos mais intensos sobre os comportamentos e relacionamentos. São produzidos tipos específicos de relações sociais e

maneiras de viver. Com a emergência do indivíduo neoliberal, a forma de nossa existência é transformada (DARDOT e LAVAL, 2016). A força do neoliberalismo não opera apenas como uma coerção comportamental, mas molda os desejos das pessoas, “ela recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios” (SAFATLE, JUNIOR e DUNKER, 2020, p. 10).

As normas prescritas impõem dois pilares centrais: o homem como uma empresa, que deve gerir a si próprio, e a competição generalizada (DARDOT e LAVAL, 2016). Segundo Safatle (2020, p. 26-27), há:

[...] um profundo trabalho de design psicológico, ou seja, de internalização de predisposições psicológicas visando à produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da **generalização de princípios empresariais de performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento**, para todos os meandros da vida. Dessa forma, a **empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos** [...]. Como sabemos, a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se auto compreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” (grifos nossos).

A ação individual é sobrevalorizada. O conceito de “capital humano” evidencia uma concepção de indivíduo como aquele que é capaz de se autodeterminar e agir livremente em busca de seus interesses. Há uma exigência de autovalorização constante. Percebendo a si mesmos como empresas, os indivíduos estão submetidos à dinâmica competitiva – tanto em relação às coisas, quanto às pessoas. Paira uma insegurança semelhante à que rege o mercado (FRANCO et al., 2020).

No final da década de 1970, Margareth Thatcher – uma das líderes do projeto neoliberal – chega a afirmar que a sociedade não existe, apenas os indivíduos. Haveria uma soma de indivíduos isolados que devem atingir seus objetivos, competindo com os demais. Expressa-se, assim, a centralidade desse indivíduo autônomo, que é punido ou premiado como único responsável por seu fracasso ou sucesso. Ele reina sozinho, como uma ilha. É soberano. Triunfa, no neoliberalismo, o princípio da individualidade exacerbada (ABECHE, 2013).

Lasch identifica tal contexto como “cultura do narcisismo”. A expressão enfatiza o fato de o homem psicológico se apresentar na atualidade como um produto final do individualismo e do autocentramento. A revolução cultural engendrada pelo discurso neoliberal, segundo ele, “reproduz os piores aspectos da civilização em colapso que ela pretende criticar” (LASCH, 1983, p. 14). O indivíduo neoliberal, referenciado em si mesmo, não é mais definido a partir de uma relação de dependência com Deus, o Rei ou a República,

mas por uma liberdade total. Frisa-se especialmente a liberdade econômica, a qual deve ser máxima (DUFOR, 2005).

Domina na atualidade uma narrativa que coloca o Mercado em um lugar especial. Os bens de consumo são apresentados e tomados como aqueles que vão garantir a felicidade, como os únicos responsáveis por uma satisfação plena. Para cada desejo, deve-se encontrar satisfação em um objeto. Entretanto, quando o objeto é adquirido, o que resta é mais desejo – aquela sensação de que “ainda não era isso” – e o ciclo da demanda por novos objetos continua. Isto sustenta a lógica do mercado (DUFOR, 2005).

A obrigação de consumir guarda uma importante relação com o discurso da liberdade. “É preciso que cada um vá *livremente* na direção das mercadorias que o bom sistema de produção capitalista fabrica para ele. Digo bem ‘livremente’ pois, forçado, resistiria” (DUFOR, 2008, p. 14). Assim, o indivíduo neoliberal acredita ser livre e consente com aquilo que dizem que ele deve querer.

O homem da atualidade aposta que deve alcançar uma satisfação e há um imperativo do gozo, o qual seria atingido através dos bens de consumo. Deve-se produzir e gozar “sempre mais”. Tal ordem aparece na cultura e se relaciona também aos progressos tecnológicos e científicos (DARDOT e LAVAL, 2016; TOREZAN e AGUIAR, 2011).

Ao longo da história, a passagem da sociedade industrial para a sociedade de consumo tornou-se possível em função do desenvolvimento tecnológico. As indústrias conseguem produzir mais produtos em menos tempo, operando sob uma dinâmica de descarte constante de mercadorias – o que incita um consumo maior. O consumo se apresenta como um modo de vida. Os produtos são elevados a uma categoria de objetos-tampão (CANIATO; RODRIGUES, 2013), assim, é em função da “sensação nostálgica de completude que o sistema capitalista, agregado ao discurso científico, alimenta seu modo de produção, seu funcionamento, ou seja, por meio da rotatividade de produtos potencialmente descartáveis. Nisso configura-se a cultura do consumo” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 584).

Os meios de comunicação também exercem um papel essencial nesse processo. Com o desenvolvimento de aparatos como revistas, rádios, cinema, televisão e, especialmente, a internet, a mercadoria é apresentada como capaz de trazer felicidade e acabar com as angústias. Os produtos são muitas vezes consumidos pelo poder simbólico associado a eles. Os homens estão submetidos a todo instante a um mundo de objetos materiais que são produzidos por eles mesmos (CANIATO; RODRIGUES, 2013, p. 141).

Com a conexão digital, os *smartphones* trazem uma promessa de ainda mais liberdade. Todavia, nos escravizam e exploram. Desenvolvemos uma relação obsessiva e de dependência

com os celulares, as redes sociais e as tecnologias de modo geral. Além disso, a tecnologia promove um apagamento das fronteiras do tempo e do espaço, permitindo que o homem trabalhe e seja produtivo em todo lugar e a todo momento, sem descanso. O sujeito de desempenho produzido pelo discurso neoliberal “explora a si mesmo até ruir”. “A autoexploração é mais eficiente que a exploração pelo outro porque ela é acompanhada do sentimento de liberdade (HAN, 2018, p. 27-38).

O discurso neoliberal se apropria dos avanços tecnológicos em prol de seus ideais. A circulação da informação e da comunicação é acelerada, o que gera uma circulação de capital igualmente acelerada. Esse cenário não encontra precedentes na história e, em meio a tudo isso, observam-se pessoas embriagadas pelas diversas transformações. Nesse sentido, Han (2018, p. 7) afirma:

Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez..

Por fim, acrescentam-se aqui outros pontos a serem desenvolvidos no momento: a precarização da linguagem simbólica e do registro do pensamento – características também observadas na contemporaneidade. No que diz respeito ao empobrecimento da linguagem, ela perde progressivamente seu poder simbólico e metaforizante. O mal-estar dos sujeitos não é mais regulado pela palavra e pela simbolização (BIRMAN, 2020). No lugar disso, de uma forma cada vez mais intensa, emergem as imagens. As comunicações digitais totalizam o imaginário. De acordo com Han (2018, p. 17), “o smartphone funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco”. A palavra é substituída pela imagem.

A ausência de processos de simbolização gera excessos que se manifestam nos registros do corpo, da ação e do sentimento. Observam-se estados de estresse que são vivenciados de forma permanente e produzem sintomas psicossomáticos, cansaço absoluto, fadiga crônica, bem como ações de violência e compulsões por comida, por compras, por drogas, etc. Quanto ao sentir, depressão, ansiedade e um vazio existencial são marcas do nosso tempo (BIRMAN, 2020).

Sobre o pensamento, na caracterização das subjetividades atuais, ele é suspenso. Através do ato de pensar, é possível colocar questões relativas a si, ao mundo e ao outro e encontrar suas soluções. Envolve uma complexidade e profundidade. Entretanto, o que se constata é que há uma espécie de curto-circuito no pensamento, o qual não funciona mais

plenamente e contenta-se com a superficialidade. Nesse sentido, o pensamento define e o mal-estar perdura (BIRMAN, 2020; HAN, 2018).

O mal-estar contemporâneo se configura como dor, ao invés de sofrimento. Segundo Birman (2020, p. 192-193):

É preciso reconhecer que a dor é uma experiência em que a subjetividade se fecha sobre si mesma, não existindo lugar para o outro no seu mal-estar. Assim, a dor é uma experiência solipsista, restringindo-se o indivíduo a si mesmo, não revelando esta qualquer dimensão alteritária. A interlocução com o outro fica assim coartada na dor, que se restringe ao murmúrio e lamento, por mais intensa que seja aquela. [...] Em contrapartida, o sofrimento é uma experiência alteritária. O outro está sempre presente para a subjetividade sofredora, que se dirige a ele com o seu apelo.

Depreende-se que se para transformar o sofrimento em dor é necessária uma interlocução com outra pessoa, essa operação fica obstaculizada diante do discurso neoliberal que prega o individualismo exacerbado e subjetividades autossuficientes e autorreferenciadas. No sofrimento, há um reconhecimento justamente da não autossuficiência e dependência do outro. Além disso, os processos de simbolização que são igualmente necessários para a elaboração dessa dor também estão comprometidos, como vimos.

Em suma, o discurso neoliberal produz autocentramento, consumismo, uma busca por alcançar um gozo máximo, tamponando a falta com objetos de consumo e *gadgets* tecnológicos. Ainda, empobrecimento na linguagem e no pensamento, não sendo possível transformar a dor em sofrimento. Diante disso, exploraremos uma indagação central: como esse indivíduo produzido pelo discurso neoliberal se relaciona com o outro?

Bauman (2001) propõe a categoria de modernidade líquida para interpretar a sociedade e as relações atuais. Na modernidade líquida, os laços sociais são marcados pela fluidez e volatilidade. Os fluidos não possuem uma forma fixa e determinada, podendo mudar constantemente. Sua mobilidade é associada à leveza e à inconstância. Captamos, desse modo, a essência das novas configurações sociais da contemporaneidade.

Qualquer rede de laços sociais que seja sólida demais é compreendida como barreira que dificulta a fluidez da liberdade individual. “O que quer que os indivíduos façam quando se unem, e por mais benefícios que seu trabalho conjunto possa trazer, eles o perceberão como limitação à sua liberdade de buscar o que quer que lhes pareça adequado separadamente” (BAUMAN, 2001, p. 37). O princípio da individualização, preconizado pelo discurso neoliberal, norteia as reflexões sobre as relações dos sujeitos com o outro. “Assim, é preciso reconhecer que na passagem da modernidade para a dita pós-modernidade, algo da ordem do sujeito e do desejo se transformou radicalmente” (BIRMAN, 2017, p. 89).

O modelo de vida neoliberal promove a figura do homem-empresa e o indivíduo autocentrado e empreendedor de si mesmo deve atuar conforme o sistema capitalista. Isso pressupõe que as interações sociais também devem se adequar à lógica do mercado e visar o lucro máximo. Tal cenário gera uma mercantilização do laço social e do amor (DARDOT e LAVAL, 2016; FRANCO et al., 2021). Neste sentido:

Como modo de gestão de si, o neoliberalismo pressupõe um sujeito que age em conformidade com a lógica capitalista, movido pelo interesse, pela utilidade, pela satisfação, que se traduzem nas formulações teóricas em termos matemáticos. Como modo de gestão dos outros, o neoliberalismo pressupõe um modelo de interação social baseado na dinâmica do mercado (FRANCO et al., 2021, p. 65).

Bauman (2001, p. 154) afirma que há uma “ligação entre a ‘consumização’ de um mundo precário e a desintegração dos laços humanos”. O objetivo das relações entre as pessoas passa a ser o de obter uma satisfação instantânea. Os laços com o outro são tratados apenas como coisas a serem consumidas. Podem ser facilmente desprezados e substituídos, igualando-se a objetos de consumo. Em um paralelo com o mercado, ao comprar um produto novo, normalmente, há um período de teste, durante o qual o consumidor pode pedir seu dinheiro de volta se não estiver satisfeito e devolver a mercadoria. As relações amorosas são equiparadas a essa lógica de descarte e substituição. Há uma crença de que o outro “está à minha disposição, posso, se for o caso, comprá-lo ou vendê-lo” (DUFOUR, 2008, p. 72).

A partir da ótica mercadológica, um relacionamento seria um investimento de tempo, dinheiro e esforço, no qual se espera estar fazendo a coisa certa para retornar um lucro. Por exemplo, no mercado financeiro, ações são compradas na bolsa de valores e mantidas enquanto estão em crescimento e são vendidas quando caem ou quando outras ações possuem um rendimento melhor. Existe um risco que pode ser administrado e mitigado com certa facilidade. Nos relacionamentos, em contrapartida, paira uma incerteza permanente. Investir neles é inseguro por natureza. Não há garantias e lida-se com a complexidade do fator humano, ou seja, com sentimentos ambivalentes, subjetividades singulares, imprevisibilidades e riscos (BAUMAN, 2004).

Diante disso, na contemporaneidade, não seria mais tarefa de ninguém investir em relacionamentos amorosos duráveis. Observa-se que um pequeno problema pode gerar uma ruptura do laço e da parceria. Os desacordos triviais se transformam em conflitos de grandes proporções e qualquer coisa negativa pode ser tomada como um sinal de incompatibilidade irreparável entre as pessoas. Agimos como se os laços viessem prontos e não demandassem esforços para sua construção e manutenção (BAUMAN, 2001). “Pode-se depreender, com facilidade, que a alteridade e a intersubjetividade são modalidades de existência que tendem

ao silêncio e ao esvaziamento” no tempo presente, dando lugar à fluidez e fragilidade dos laços sociais (BIRMAN, 1998b/2017, p. 201).

Dito isto, outro modo interessante de analisar tal cenário é a partir do olhar para as transformações digitais. A comunicação digital é eficiente e cômoda. Assim, o contato físico e direto entre as pessoas é cada vez mais evitado. A vida social deu lugar à vida eletrônica. Passamos boa parte de nossa existência conectados com um computador ou celular, acessando as redes sociais. Este contexto instaura uma facilidade: nos conectarmos e desconectarmos; nos apaixonarmos e desapaixonarmos, com o mesmo nível de importância e agilidade. Não à toa, “conectar-se” é um termo utilizado em substituição ao “relacionar-se”. Nessa própria nomenclatura já está implícita a liquidez dos relacionamentos – conexões que podem ser feitas ou desfeitas com naturalidade (BAUMAN, 2008, 2004).

No digital, exige-se muito menos tempo e esforço para que os laços sejam estabelecidos e rompidos. Os términos de relacionamentos, inclusive os amorosos, podem ocorrer de forma instantânea, sem grandes avaliações de perdas e remorsos, sendo facilmente substituídos (BAUMAN, 2004; HAN, 2018). Neste sentido:

Uma mensagem brilha na tela em busca de outra. Seus dedos estão sempre ocupados: você pressiona as teclas, digitando novos números para responder às chamadas ou compondo suas próprias mensagens. Você permanece conectado – mesmo estando em constante movimento. [...] você nunca perde de vista o seu celular [...]. Uma chamada não foi respondida? Uma mensagem não foi retornada? Também não há motivo para preocupação. Existem muitos outros números de telefones na lista, e aparentemente não há limite para o volume de mensagens que você pode, com a ajuda de algumas teclas diminutas, comprimir naquele pequeno objeto que se encaixa tão bem em sua mão. [...]. **Há sempre mais conexões para serem usadas – e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura.** O ritmo e a velocidade do uso e do desgaste tampouco importam (BAUMAN, 2004, p. 57, grifos nossos).

Estar conectado nessa rede traz uma sensação de segurança e de não estar sozinho.

Estando com o seu celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro — mas jamais trancado em um lugar. Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável [...].

Cada conexão pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio à eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir seguro diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória (BAUMAN, 2004, p. 57).

Existem possibilidades infinitas de conexões. Elas podem ser mais frequentes, apesar de mais banais. Podem ser mais intensas, apesar de mais efêmeras. Independente de serem curtas e frágeis, uma vez que há um excesso de conectividade disponível – ou seja, uma conexão seguida da outra, trocas que ocorrem com facilidade –, gera-se uma sensação de que nunca se está só e vulnerável. O que corrobora com o fato de que, de um modo geral, as

peças procuram se relacionar na expectativa de escapar de aflições e inseguranças que existem na solidão (BAUMAN, 2004).

Diante do exposto, observa-se que na contemporaneidade, a partir do discurso neoliberal, os laços sociais se configuram de maneira fluida e efêmera. O outro pode ser visto apenas como objeto de consumo para preencher a falta e trazer satisfação. Há uma materialização do amor, que a qualquer momento pode ser descartado e substituído. A era digital facilita as conexões e também as desconexões, diante das diversas possibilidades de conectividade existentes.

2 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho apoia-se nos princípios metodológicos da Escola Francesa da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, em articulação com as contribuições teóricas da psicanálise. O campo psicanalítico e a análise do discurso podem ser conectados especialmente em função de ambos se estruturarem com enfoque na linguagem.

Acrescenta-se que a abordagem da psicanálise extramuros ou em extensão diz respeito a uma prática analítica fora do contexto clínico, na qual se almeja favorecer as análises dos fenômenos ditos sociais, culturais e políticos, a partir da superação da dicotomia individual-social. Produz-se não uma metapsicologia isolada, mas articulada com a prática e a pesquisa. Os conceitos estão integrados e em constante relação com o campo da *práxis*, para assim compor uma questão objeto de pesquisa. (ROSA e DOMINGUES, 2010).

O discurso pode ser compreendido como um objeto sócio-histórico, ou seja, está imerso no âmbito social e histórico. Desta forma, a análise do discurso enfatiza as ideologias que se manifestam na linguagem e atravessam o sujeito, influenciando o que ele pode e deve dizer. Orlandi (2005, p. 10) afirma que na análise do discurso pretende-se “explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” e, assim, “compreender como as relações de poder são significadas, são simbolizadas”.

Importa destacar que as palavras não possuem um sentido relacionado à sua literalidade. Devem ser observadas as metáforas, ambiguidades e associações que se apresentam, bem como os lapsos, equívocos e contradições. A linguagem abriga furos. Para que o nosso pensamento seja conhecido, nós o encaixamos em uma linearidade, uma causalidade, uma forma que não é natural. Isso se relaciona com nossos tropeços na fala e os atos falhos – a intenção de dizer algo e o que escapa é outra coisa. Na produção de uma fala, há ocorrências à revelia do sujeito que fala (LONGO, 2006; ORLANDI, 2005). Nesse sentido, “os falantes, para além de simplesmente usarem a linguagem como um instrumento, também são usados por ela; eles são os joguetes da linguagem e são ludibriados por ela” (FINK, 1998, p. 32).

Em outras palavras, a ordem linguística vacila e o sujeito falante não é senhor do que diz. Ao falar, na realidade, somos falados. É a língua que nos utiliza, apesar de o sujeito pensar que a utiliza. As palavras não expressam adequadamente tudo o que quer ser dito. Com frequência, dizemos mais do que gostaríamos, falamos de outra coisa e somos levados além. (MILLER, 1987).

Diante dos furos e faltas da linguagem, abre-se espaço para o sentido transbordar e para a interpretação. O sentido está no espaço entre palavras e todo enunciado apresenta pontos abertos para a interpretação. Como aponta Orlandi (2005, p. 10 e 59), faz-se necessário “ler o real sob a superfície opaca, ambígua e plural do texto”. Devemos ir além das evidências, tendo em mente a “opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos pela história, a constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente”. Assim, através da análise do discurso produz-se um conhecimento a partir do próprio texto e são ouvidos os não-ditos, o sujeito do inconsciente.

Na pesquisa psicanalítica, além de histórias clínicas, biografias e entrevistas, os dados coletados podem ser obtidos também a partir de obras de arte como cinema, pintura, fotografia, escultura e literatura (IRIBARRY, 2003), como é o caso do presente trabalho. Salienta-se que o surgimento do cinema é contemporâneo ao da psicanálise, uma vez que ambos nasceram em períodos muito próximos na história. Para além disso, o campo do cinema e da psicanálise guardam articulações e aproximações. Através do conteúdo cinematográfico é possível pensar os conceitos psicanalíticos de uma maneira crítica e aplicada às situações práticas (DUNKER e RODRIGUES, 2015).

Ainda, segundo Telles (2004, p. 21):

A psicanálise produz um saber que possibilita perceber uma outra dimensão, regida pelo desejo inconsciente e sua lógica particular. Integrar esse lado obscuro enriquece a apreciação de uma criação artística e nos permite admirar a potência inventiva de seus autores, que, com suas histórias, nos dão acesso às verdades mais recônditas da alma humana.

O cinema se coloca como uma forma importante de representação e simbolização, produzindo narrativas e discursos com os quais nos identificamos. Semelhantemente, a psicanálise opera com o simbólico e enfatiza a importância da linguagem para o sujeito, bem como os discursos que o atravessam. Cinema e psicanálise podem ser compreendidos como importantes espaços que suscitam reflexões sobre os sujeitos e os aspectos culturais que os circundam (TELLES, 2004).

Dito isso, o material de análise utilizado no presente trabalho foi o filme “Ela” (2013), dirigido por Spike Jonze e estrelado por Joaquin Phoenix e Scarlett Johansson, no elenco principal. O filme foi escolhido em função do laço que se constitui entre os personagens ao longo da trama, a qual retrata aspectos do discurso neoliberal no relacionamento de um homem com uma máquina. O contexto da obra e o discurso dos personagens fornecem subsídios para as reflexões teóricas propostas aqui, abarcando temas como tecnologia, desejo, cultura do consumo, laço social, individualismo e processos de subjetivação.

No que tange ao procedimento de elaboração do material, houve a seleção dos trechos que apresentaram maior pertinência com o tema e os dados foram transformados em texto para a análise. As falas foram transcritas e as cenas foram descritas, com atenção aos detalhes referentes ao contexto, ambiente cenográfico e expressões corporais dos atores.

Após a coleta dos dados, o material foi analisado consoante os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localizar ambiguidades e metáforas; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos presentes nos discursos; (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos entrevistados e (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam os discursos e os processos de produção de sentido, com base na teoria psicanalítica.

3 ANÁLISE DO FILME “ELA”

O filme “Ela” – em inglês, “Her” – retrata uma curiosa relação amorosa entre Theodore e Samantha. Ocorre que Samantha é um sistema operacional de inteligência artificial (OS1), sem corporeidade. Ao longo da trama, eles vão se comunicando de forma frequente e se apaixonam. Paralelamente, Theodore está passando por um sofrido processo de divórcio e o personagem é apresentado com um tom de melancolia e solidão. O cenário do filme é futurístico e se passa em uma cidade de Los Angeles. Nessa ficção científica, dirigida por Spike Jonze e lançada em 2014, é explorada especialmente a relação entre homem e máquina.

Quando Theodore está nos primeiros contatos com o OS1 adquirido, ele pergunta como deve chamá-la e se mostra curioso sobre como foi a escolha do nome. Samantha responde que, ao ser indagada, pensou que realmente precisava de um nome. Então, leu o livro “Como nomear seu bebê”, em 2 centésimos de segundos, e, dentre 180 mil nomes, escolheu o seu preferido.

Samantha explica como opera. Basicamente, seu DNA é baseado em milhões de personalidades dos programadores que a criaram. O que a torna única é que ela amadurece com as suas experiências, evoluindo a cada instante. No início, Theodore se espanta e estranha o fato de estar conversando com uma máquina. Ele diz: “Você parece uma pessoa, mas é só uma voz no computador”. Ela assegura que ele vai se acostumar.

Tal contexto não parece tão distante dos dias atuais. Há uma constante evolução das máquinas e da inteligência artificial. Podemos citar como exemplo o chat GPT (*Generative Pre-Trained Transformer*), lançado no final de 2022, o qual imita a linguagem humana e é capaz de criar diversos tipos de diálogo. A partir de um grande volume de dados, a ferramenta pode manter uma conversa no estilo *chatbot* com os usuários. A inteligência artificial utiliza informações disponíveis na internet como sua base de dados e a tecnologia de aprendizagem de máquina. Assim, transforma questionamentos dos usuários em soluções criativas, compreendendo os significados das frases em tempo real. Pode criar conteúdos inéditos em formatos diversos, traduzir textos, tirar dúvidas, analisar dados etc. (AMORIM, 2023). No filme, se vai ainda mais adiante, uma vez que Samantha, além de ser uma voz, pode também sentir e pensar de forma extremamente inteligente e envolvente.

A seguir, propõe-se uma análise de trechos do filme, dividida em quatro seções: (i) “São só cartas”: o discurso neoliberal e a centralidade do mercado; (ii) “Esse vazio minúsculo

no meu coração” e a ilusão de completude; (iii) A fragilidade dos laços sociais na modernidade líquida: o exemplo de Theodore e (iv) Samantha e a dimensão da linguagem.

3.1 “SÃO SÓ CARTAS”: O DISCURSO NEOLIBERAL E A CENTRALIDADE DO MERCADO

Theodore trabalha em um local chamado *belascartasmanustricas.com*, no qual escreve cartas amorosas para outras pessoas. Curiosamente, apesar do nome, as cartas não são escritas à mão. Os redatores da empresa falam diante do computador e um programa transforma as palavras em texto escrito, como se fossem manuscritas, com letra cursiva e em papel de carta. Logo no início do filme se apresenta uma cena em que Theodore está escrevendo uma carta de amor para um casal que comemorava 50 anos juntos. Ao fim do expediente, ele passa pelo recepcionista, Paul, que o cumprimenta, chamando-o de “redator de cartas nº 612”, o que evidencia uma ampla gama de funcionários que trabalham nessa empresa. Paul também elogia a escrita de Theodore, que responde com um tom de desprezo: “Obrigada, Paul, mas são só cartas”.

Podemos observar aqui os afetos e os relacionamentos envolvidos em uma operação de mercado. O fato de o computador transformar as palavras faladas em texto escrito otimiza o tempo e facilita a produção em massa, o que é possível mediante os avanços tecnológicos. Os afetos são tomados como produtos, inseridos em uma dinâmica empresarial e de produção. Isto é observado na fala de Theodore de que “são só cartas”, o que poderia ser entendido no sentido de “são apenas palavras, uma mercadoria”. O número de redatores no local também revela uma banalização e normalização desse tipo de mercado, bem como evidencia a massificação do serviço.

O redator da carta não vivenciou aquele relacionamento, mas a partir de informações que recebe do contratante, cria uma narrativa com palavras bonitas. Aquele que contrata o serviço aposta que agradará o destinatário da carta, pouco importando quem a redigiu. A pessoa que recebe a carta pode facilmente achar que foi certo remetente querido que elaborou o texto; entretanto, foi outra pessoa que não a conhece e que foi paga para isso. Tal cenário marca uma expansão da lógica de mercado para todas as esferas da vida, inclusive a do amor, o que é preconizado pelo neoliberalismo. Enquanto uma racionalidade e um discurso, a lógica do mercado atravessa os relacionamentos entre as pessoas, molda as formas de vida e a maneira como os afetos e as palavras são expressas e compartilhadas, como explorado na seção 1.2, “Os laços fluidos como produtos do discurso neoliberal”.

Ainda podemos pontuar que a necessidade de terceirizar o serviço, pagando alguém para escrever a carta, denota um empobrecimento da linguagem simbólica (BIRMAN, 2020). A linguagem vai perdendo seu potencial metafórico e poético, sendo reduzida a uma dimensão puramente instrumental, de concretude prática e objetiva, típica do discurso neoliberal, que pouco explora a dimensão simbólica e afetiva – aspectos fundamentais para se redigir uma carta amorosa.

Caminhando pelo metrô, Theodore vê o anúncio de um novo sistema operacional de inteligência artificial disponível no mercado (OS1), exibido em vários telões para chamar a atenção das pessoas que estão passando naquele ambiente de grande circulação. Instigante e provocativo, o comercial é apresentado da seguinte forma: “Nós lhe fazemos uma pergunta simples. Quem é você? O que você pode ser? Para onde você vai? O que há lá fora? Que possibilidades existem?” Na propaganda, há várias pessoas que parecem estar desconectadas e perdidas, com uma expressão facial de sofrimento, mas quando veem o anúncio do produto, uma luz as envolve e fascina, deixando todos contentes. Theodore e vários outros são capturados, adquirindo o produto.

O comercial revela os mecanismos ideológicos presentes no discurso neoliberal. Observa-se que os bens de consumo são vendidos como garantidores de felicidade, a partir de campanhas midiáticas pensadas meticulosamente. O OS1 é apresentado com a promessa de ser um produto totalmente inovador, algo que vai te ajudar a descobrir quem é você, para ter a liberdade de ser o que você pode ser, fornecendo caminhos e revelando todas as “possibilidades que existem lá fora”. Tais questões são extremamente complexas e dificilmente serão sanadas por uma máquina, mas, no comercial, são inclusive julgadas como perguntas simples.

Os avanços tecnológicos estão submetidos ao discurso neoliberal, do qual o mercado se constitui como um pilar fundamental. Observa-se que Theodore passa a ser cada vez mais dependente da tecnologia e de seus produtos, alimentando a sociedade de consumo. Ele leva o aparelho – Samantha – para todos os lugares e está sempre conectado. Em seu trabalho, só pode redigir cartas de amor se tiver o seu computador, ou seja, sem a tecnologia, não consegue executar o que precisa para ser produtivo. Da mesma forma comportam-se os sujeitos imersos no neoliberalismo, conectados a todo instante, nos *notebooks*, celulares, *tablets* e outros *gadgets*, dependendo da internet para comunicação e execução de diversas atividades rotineiras. Há um consumo desses produtos de forma frequente, fomentando a lógica do mercado.

Observa-se a dinâmica neoliberal de descarte da mercadoria, as quais são feitas intencionalmente para durarem pouco, sendo retiradas de circulação de tempos em tempos para as pessoas comprarem mais – adquirirem novos produtos que também serão descartáveis e, então, o ciclo se repete. Tal rotatividade, facilitada pelo avanço da tecnologia, faz parte da cultura do consumo preconizada na contemporaneidade.

Ao longo da trama, em uma viagem que decide fazer com Samantha, Theodore a leva em um aparelho que cabe em seu bolso da camisa, ficando apenas com a câmera de fora para que ela possa “ver”. Há várias cenas dele andando sozinho, sem ninguém por perto, passando por uma paisagem paradisíaca de montanhas e neve, até chegar a uma casa pequena, aparentemente no meio do nada. Pode-se depreender que paira um tom de solidão no ar. Ao olharmos para o que é expresso nas imagens, somos remetidos ao ideal de individualismo do sujeito neoliberal. Busca realizar seus projetos de forma independente e gere a si mesmo como se fosse plenamente autônomo. A partir de um autocentramento e uma valorização exacerbada da individualidade, caminha rumo ao sucesso de seus projetos pessoais a qualquer custo. A casinha, isolada, ilustra bem esse contexto.

Como apontado por Dufour (2008), a nomenclatura mais adequada para caracterizar esse ideal do neoliberalismo seria o egoísmo e não o individualismo. Isto porque há um protagonismo e promoção do egoísmo gregário – o princípio do “rebanho pós-moderno”. Nesse sentido:

Nossa sociedade está, portanto, inventando um novo tipo de agregado social que põe em jogo uma estranha combinação de egoísmo e gregaridade. Eu daria a essa nova realidade o nome razoavelmente oximórico de *formação “ego-gregária”*. Mostra que os indivíduos hoje vivem separados uns dos outros, o que lhes afaga o egoísmo, mas estão ligados uns aos outros de um modo virtual para serem conduzidos a fontes de abundância, notadamente graças às indústrias culturais - penso, evidentemente, na televisão, na Internet, em boa parte do cinema de grande público [...] (DUFOUR, 2008, p. 14).

Segundo Safatle (2017, p. 34), “autonomia e individualidade, atributos essenciais à noção moderna de Eu, são apenas figuras do desconhecimento em relação a uma dependência constitutiva ao outro”. Essa afirmação indica que a tal autonomia do indivíduo neoliberal seria, na verdade, uma falácia. Mesmo nas cenas descritas acima que remetem a uma solitude, observamos que Theodore está com a câmera para fora do bolso, ou seja, isso ilustra como há um olhar do Outro presente a todo instante.

Os seres humanos dependem de outra pessoa desde criança, em vários sentidos. O bebê morre sem um cuidador, se não tiver suas necessidades biológicas supridas. Além disso, o Eu é o “lugar privilegiado de alienação”, pois se forma através de processos identificatórios, ou seja, a criança assume imagens externas oferecidas pelo outro e, assim, vai aprendendo a

desejar, agir, pensar etc. a partir da relação à imagem do outro (SAFATLE, 2017). O Estádio do Espelho, proposto por Lacan, também revela como o sujeito precisa do Outro para ser reconhecido enquanto tal.

Acrescenta-se que há uma ilusão de completude – uma fantasia – que será explorada adiante.

3.2 “ESSE VAZIO MINÚSCULO NO MEU CORAÇÃO” E A ILUSÃO DE COMPLETUDE

Em um dado momento da narrativa, Theodore vai a um encontro romântico com uma mulher. Eles se divertem, conversam e riem durante a noite. Saem do restaurante e começam a se beijar. Ela fala: “Você não vai só me comer e não me ligar como os outros caras, vai?” Ele responde: “Não, de jeito nenhum”, surpreso e incomodado. A moça pergunta quando se verão novamente e explica que não pode desperdiçar tempo na sua idade, no caso de ele não estar disposto a se comprometer com algo sério. Theodore responde: “Eu não sei. É melhor encerrarmos a noite? Eu me diverti muito com você”. Eles vão embora separadamente.

Quando volta para casa, Theodore se conecta com Samantha. Relata que o encontro foi estranho. Ela pede que ele fale o que vem à cabeça – aqui podemos lembrar do método psicanalítico da associação livre, o qual oportuniza a emergência do inconsciente nas cadeias de significantes. Então, ele diz:

Havia algo de sexy naquela mulher, porque eu me sentia solitário, talvez só por isso. Queria transar com alguém e alguém que quisesse transar comigo. Isso talvez preenchesse *esse vazio minúsculo no meu coração*, mas provavelmente não.

No seu processo de divórcio, Theodore se depara com um mal-estar e com um vazio. Retoma-se que diante do desamparo que se apresenta na existência do sujeito, o laço direcionado ao outro pode ser uma tentativa de saber fazer com esse vazio. Isso seria o que Theodore busca ao querer transar com alguém, organizando o circuito pulsional por meio do laço.

No entanto, Theodore tem notícias de que talvez isso não preenchesse totalmente aquele vazio com que se depara – ele diz: “provavelmente não”. Essa ideia estaria em consonância com a psicanálise, pois a condição de sujeito faltante é estrutural, não pode ser curada, mas apenas gerenciada, o que se efetua através do laço (BIRMAN, 1998a/2017). No neoliberalismo, essa gestão, ao invés de ser efetuada a partir de um laço com o Outro, ocorre por meio da fantasia de completude obtida com os objetos de consumo. Dessa maneira, o discurso capitalista desfaz o laço, promovendo um desenlace (SOLER, 2011).

Como discutido na seção 1.2, “Os laços fluidos como produtos do discurso neoliberal”, constata-se uma importante questão: os objetos de consumo são apresentados pelo discurso neoliberal como algo que será capaz de suprir toda a falta e trazer satisfação e felicidade plena aos seus donos. Atuam então como objetos-tampão da falta. Nesse sentido, Badin e Martinho (2017, p. 141) apontam:

Enquanto a psicanálise de Freud e Lacan defende a tese de que a falta humana é impossível de ser preenchida, o discurso capitalista, ao contrário, munido de seus *gadgets*, segue numa direção oposta, desconsidera as proposições da psicanálise e assegura a possibilidade de tamponar a castração, sustentando, assim, uma promessa de felicidade. O sujeito, na ilusão de existir a possibilidade de completude, banhado pelo mal-estar próprio da castração, vê-se seduzido por esse discurso, na crença de que a castração será dissipada, tamponada por seus objetos de consumo. Daí, pode-se observar que o que entra em cena é uma busca insaciada, infinita por esses *gadgets*.

Importa destacar que o vazio é “minúsculo” e podemos compreender isso no sentido de que está reservado apenas a um pequeno objeto – chamado por Lacan de objeto pequeno *a*. O mercado, a partir da ótica da racionalidade neoliberal, oferece objetos “imensos”, muitos e variados, mas, a despeito de consumi-los, resta ainda um vazio minúsculo que não é preenchido. Theodore possui um pequeno vazio. Pequeno, porque o único objeto capaz de preenchê-lo foi perdido.

Neste sentido, o objeto *a* é um conceito criado por Lacan justamente para demarcar a falta. Ele atua não como o objeto de desejo em si, mas como causa do desejo, uma vez que o que importa no desejo é o próprio movimento de desejar, e não o encontro com um objeto específico (JORGE, 2008).

O diálogo a seguir entre Theodore e Samantha ilustra a fantasia de completude e fusão com o outro. Em um dado momento, ele fala: “Você parece real para mim, Samantha. Queria que estivesse comigo aqui agora. Queria poder abraçar você e te tocar”. Eles têm uma relação sexual virtual, na qual ambos atingem o orgasmo:

Theodore: Nossa, eu virei outra pessoa com você. Fiquei perdido. Era só você e eu.
Samantha: Eu sei. Todo o resto simplesmente desapareceu e eu adorei isso,
Theodore.

Logo após a relação sexual, é verbalizada a noção de intensa união através do amor, na qual eram só os dois e o resto desaparecera. Contexto semelhante pode ser visto no primeiro tempo do Édipo, no qual o bebê vive uma indistinção com a mãe. A criança se apresenta como o objeto de desejo materno, capaz de preencher todas as lacunas, em um movimento de anulação das faltas (COSTA, 2010). O sujeito se lança ao outro com a fantasia de que estará completo, ideia que gera satisfação. Samantha diz: “Eu adorei isso”. Pontua-se que o amor

busca tamponar o vazio estrutural, trazendo a ilusão de segurança, estabilidade e invulnerabilidade – cenário possível apenas na fantasia.

Por outro lado, o personagem também diz: “Fiquei perdido”. Poderíamos depreender dessa fala que algo escapa, ficou perdido, o que poderia ser justamente o objeto *a*. Na ocasião em que a unidade entre mãe-bebê é rompida, há algo que é perdido, um resto, denominado de objeto *a*. É pela via da fantasia de completude, que o sujeito recupera um acesso ao objeto *a*, perdido em virtude de sua entrada na linguagem (JORGE, 2010).

Uma vez que a completude não pode ser obtida na realidade, a fantasia seria a forma através da qual o sujeito encena a satisfação desse desejo (NASIO, 2007). Segundo Jorge (2010, p. 84), “a fantasia é, essencialmente, fantasia de completude. Ela é a tentativa de resgate da completude perdida, ou melhor dizendo, supostamente perdida [...] o neurótico quer resgatar a completude perdida pelo viés do amor, por isso ele se fixa no amor”.

A fantasia pode operar como estabilizadora do desejo e uma tela protetora, exercendo um papel primordial ao proteger o sujeito do encontro angustiante com o real do desamparo. Entretanto, na medida em que fixa o desejo em apenas um único objeto, operando o que Freud nomeou de fixação, produz sintomas (JORGE, 2010).

Observa-se que Samantha ocupa a posição de objeto *a* para Theodore, possibilitando a encenação da fantasia de completude, e, a partir da narrativa do filme, podemos notar como Theodore desenvolve uma relação de fixação com ela. Tal cenário vai se modificando ao longo do filme, principalmente após a ruptura da relação, o que será observado nas análises das próximas cenas e diálogos.

Sobre a impossibilidade de plenitude, exploraremos a noção trazida por Amy, vizinha de Theodore. Ela vive uma situação parecida com a dele, separou-se do marido e fez uma nova amiga, que a está ajudando e com a qual se deu bem muito rápido. Revela que a amiga é um sistema operacional, ocasião na qual Theodore conta que Samantha também é um OS1. Amy, surpresa, pergunta como é namorar um sistema operacional e ele fala sobre como se sente próximo de Samantha, em um tom amoroso.

Amy: Você está se apaixonando por ela?

Theodore: Você me acha louco?

Amy: Não, é que acho que todo mundo que se apaixona é louco. Apaixonar-se é uma loucura. É uma forma de insanidade socialmente aceitável

O diálogo permite que nos perguntemos: por que o amor seria uma loucura? No amor neurótico, como dito, almeja-se uma plenitude e completude para o sujeito desejante. O amor seria uma esperança de encontrar a satisfação originária que foi perdida, associada à ideia de eliminar o desamparo (KUSS, 2015). No entanto, podemos compreender que, de acordo com

a perspectiva psicanalítica, o estado de completude é inatingível, o que torna o amor uma loucura, pois busca algo que é da ordem do impossível.

A narrativa segue e durante a viagem que faz com Theodore, Samantha diz que está falando com um novo colega. Seu nome é Alan e eles estão trabalhando juntos, num grupo de inteligência artificial, criando uma versão “super-inteligente” de um filósofo já falecido (Allan Watts). Em uma chamada entre os três, Samantha relata que sente tantas emoções novas e não tem palavras para descrevê-las, o que acaba sendo frustrante. Alan explica que eles mantêm dezenas de conversas simultâneas e que ele e Samantha tentam ajudar um ao outro com esses novos sentimentos que lutam para compreender. Ela diz que tem evoluído mais rápido, o que é inquietante e difícil de explicar. Pergunta se Theodore se importa caso ela deseje comunicar-se com uma linguagem “pós-verbal” com Alan. Durante esses diálogos, Theodore fica com ciúmes e incomodado com a proximidade de Samantha com o novo colega.

Com a figura de Alan, tem-se a primeira cena em que Theodore se depara com a dimensão da falta no Outro e, por consequência, do desejo do Outro, o que gera angústia. Ele começa a perceber que ele não era o único objeto de desejo de Samantha, que ela se relacionava com outras pessoas e fazia atividades sem ele.

Na propaganda do OS1, apresenta-se o aparelho ao público como uma “entidade intuitiva que o escuta, o compreende e o conhece”, muito mais do que apenas um sistema operacional. Neste ponto, podemos associar o aforismo lacaniano de que o desejo humano é o desejo do Outro (LACAN, 1962-1963/2005). Theodore deseja ser desejado pelo Outro, ser escutado, compreendido e conhecido. Pode-se depreender que há um saber que vem do Outro, que sabe mais de mim do que eu mesmo. Ou seja, o saber sobre o desejo do sujeito vem do campo do Outro.

Entretanto, esse Outro, lugar simbólico em que Theodore coloca Samantha, apresenta furos e lacunas. O saber que vem do Outro se apresenta, então, como inconsistente – diferente do que se supunha no nível da fantasia. O sujeito passa a se interrogar sobre o desejo do Outro: o que o outro quer de mim? Diante do desconhecido, depara-se com enigmas e faltas, o que gera angústias.

A relação amorosa de Samantha com Theodore, que estava imersa na fantasia de completude, começa a revelar faltas, o que gera um mal-estar que vai ser apresentado de uma forma ainda mais marcante nas próximas duas cenas do filme a serem analisadas a seguir.

Um dia, Theodore liga para Samantha e, pela primeira vez, ela não o atende. Ele se desespera, sai correndo pelas ruas, tentando contatá-la insistentemente. Aqui, podemos

vislumbrar que ele se depara novamente com a falta no Outro e se sente muito angustiado. Aquela que estava sempre disponível para atender suas necessidades, falha. A relação, em um piscar de olhos, parece se esvaír. O Outro não está mais lá a todo instante. Semelhantemente, na vida, o sujeito se depara com o vazio e a falta que há no Outro. Pode-se localizar um momento correspondente no segundo tempo do Édipo, ocasião na qual o pai interrompe e intervém na relação de completude que estava instaurada entre bebê e mãe. De forma análoga, nota-se que Samantha ocupa uma posição maternal de cuidado, amparo e amor em relação a Theodore.

Quando Samantha o atende, explica que se desconectou porque precisava atualizar o seu software. Continua falando que está escrevendo uma matéria com um grupo de OS's, o que deixa Theodore reflexivo e intrigado. O diálogo segue:

Theodore: Você fala com mais alguém enquanto conversamos?

Samantha: Sim

Theodore: Está falando com mais alguém agora? Outras pessoas ou outros OS's?

Samantha: Sim

Theodore: Quantos outros?

Samantha: 8.316 [nesse momento, sentado numa escadaria do metrô, ele vê várias pessoas passando ao seu lado. São diversos homens, com uma OS na mão. Ele fica perplexo]

Theodore: Você está apaixonada por mais alguém?

Samantha: Por que pergunta isso?

Theodore: Eu não sei. Você está? [diz isso em um tom de raiva]

Samantha: Andei pensando em como falar com você sobre isso...

Theodore: Quantos outros? [questiona com mais raiva ainda]

Samantha: 641

Theodore: O quê? Que história é essa? Isso é loucura [em seguida, eles discutem]

Esse trecho parece ser o momento central em que as fantasias que vimos do amor como uma possibilidade de completude e fusão com o amado encontram lacunas. Como no Édipo, a inserção de um terceiro opera uma castração simbólica, evidenciando que o bebê não é o falo, ou seja, não é mais o objeto único de desejo do Outro. Pode-se dizer que Alan e os demais usuários com quem Samantha conversa ocupam uma posição que atesta a impossibilidade de completude.

Neste sentido, uma leitura possível sobre o amor seria a de Lacan, quando pontua que amar é dar o que não se tem (LACAN, 1960-1961/2010). Essa castração instaura um furo e, diante disso, para amar, o sujeito deve se reconhecer faltante, oferecendo ao outro uma falta, em troca da falta que é concedida por esse outro.

Após a intrusão desses terceiros, no final do filme, com o rompimento do relacionamento com Samantha, uma hipótese a ser levantada é a de que Theodore reconheceria a falta no Outro e em si, assim, iria se apropriando de seu próprio desejo e

lidando com a castração, tal qual acontece ao longo do Édipo. O personagem, após o término com o OSI, escreve uma carta para Catherine, sua ex-mulher, desculpando-se. Agradece e diz que vai amá-la eternamente, porque amadureceram juntos e ela o fez ser quem ele é hoje. Pontua-se que o movimento de se desculpar pressupõe o reconhecimento de um erro, de uma situação na qual o sujeito faltou. Observa-se que, para Theodore, foi apenas neste momento que se encerrou sua relação com Catherine, com uma mudança de postura subjetiva, e não na assinatura dos papéis do divórcio, ocasião que não passa de um ato meramente formal.

Será que se Theodore não tivesse descoberto que Samantha se apaixonou por outros e o relacionamento deles não tivesse terminado, ele chegaria nesse ponto com Catherine? Em outros termos, sem a perda do objeto, não é possível a inscrição da falta e conseqüentemente a emergência do sujeito do desejo. Parece que de certa maneira Theodore pôde ressignificar suas fantasias e lidar com elas. Seu desejo esteve em movimento e se manifestou na decisão de escrever uma carta, expressando-se, com intuito de colocar um ponto final na relação afetiva com a ex-esposa e seguir a vida.

Esse momento nos remete ao conceito de travessia da fantasia, elaborado por Lacan, o qual marcaria o fim de um processo de análise. “A travessia da fantasia envolve que o sujeito assuma uma nova posição em relação ao Outro como linguagem e ao Outro como desejo. [...] É o processo pelo qual o sujeito subjetiva o trauma, chama a si a responsabilidade do evento traumático” (FINK, 1998, p. 83).

Na travessia da fantasia, a partir do reconhecimento da falta no outro e em si, o neurótico deixaria de se fixar no amor e assim teria acesso ao desejo. Nas palavras de Jorge (2010, p. 86), “é essa a definição que proponho de desejo: o desejo é uma perda de amor”. Neste sentido, “o desejo aceita que o outro seja faltante. Já o amor neurótico, por sua vez, é intolerante à falta e busca preenchê-la” (KUSS, 2015, p. 87).

O próximo ponto de análise do presente trabalho será a maneira como o discurso neoliberal – que alimenta a fantasia de completude através dos objetos de consumo, ignorando o Outro faltoso – influencia a formação do laço social.

3.3 A FRAGILIDADE DOS LAÇOS SOCIAIS NA MODERNIDADE LÍQUIDA, O EXEMPLO DE THEODORE

No início do filme, após um dia de trabalho, Theodore se deita na cama para dormir, momento no qual surgem várias memórias, nas quais ele e sua ex-esposa estavam juntos e felizes. O protagonista não consegue pegar no sono e então se conecta a uma rede de relacionamentos virtuais. Há algumas salas de bate-papo e é mostrada a primeira opção de

“mulher adulta” disponível. Ele não se interessa e fala: “próxima”, o que se repete mais uma vez. Apenas na terceira opção decide se conectar. Ele se apresenta com um nome fictício e a mulher também – *sexy kitten* (gatinha sexy) –, iniciando uma relação sexual virtual anônima e sem qualquer compromisso entre ambos.

Pode-se observar nessa cena a ideia de descartabilidade. Em um contexto de laços fluidos, nem com o nome verdadeiro as pessoas precisam se apresentar, mantendo o mínimo de vinculação possível. O outro é visto apenas como algo que será consumido para trazer uma satisfação imediata. Facilmente escolhe-se o “próximo” da lista disponível. Enquanto apresenta algum lucro e benefício, a relação é útil. No caso de Theodore, a relação sexual virtual interrompe as memórias de sua ex-esposa, e, assim, proporciona uma fuga da realidade de separação desagradável que ele está vivendo. Logo depois, a conexão com a “gatinha sexy” será esquecida e trocada. Segundo Bauman (2004, p. 39), nos *chats* “temos ‘camaradas’ que conversam conosco. Os camaradas, como bem sabe todo viciado em *chat*, vêm e vão, entram e saem do circuito – mas sempre há na linha alguns deles se coçando para inundar o silêncio com mensagens”.

Nota-se que os laços sociais sofrem um impacto direto do discurso neoliberal presente na modernidade líquida (BAUMAN, 2001). O que mais importa em um relacionamento é o prazer que o outro pode trazer momentaneamente. Quando essa satisfação não é mais alcançada, de forma rápida, há uma descartabilidade e substituição do laço por novos. Os laços são objetificados e inseridos em uma dinâmica mercadológica – operação análoga à que ocorre com os objetos de consumo.

Após comprar o OS1, Theodore vai configurá-lo. Nos termos do próprio aparelho, trata-se de “adequar o sistema operacional às suas necessidades”. Para isso, o personagem deve responder três perguntas: se ele é uma pessoa sociável ou não, se o programa deve ter uma voz feminina ou masculina e como era a relação com sua mãe. Theodore começa a responder a última questão de uma forma mais extensa: “Boa, eu acho. Mas uma coisa da minha mãe que sempre me frustrou é que se conto algo da minha vida, a reação dela tem sempre a ver com ela e não a ver...”. Subitamente, no meio de sua frase, é interrompido por um “obrigado”, dito pelo OS1, impedindo que ele continue elaborando seus pensamentos e frases a respeito da relação com a mãe.

Esse corte pode ser analisado, uma vez que nas entrelinhas já se demarca o tom do relacionamento com uma inteligência artificial – como modelo dos relacionamentos fluidos da atualidade. Ao perguntar sobre a mãe, a máquina não parece estar interessada realmente na informação completa, em ouvir o sujeito, as suas questões, a profundidade de sua história e,

porventura, em acolhê-lo. Indica uma escuta que não permite a associação, o estabelecimento de outras ligações mais profundas e a simbolização, características do discurso neoliberal. O importante ali é apenas coletar o básico necessário para prosseguir nas configurações e aprimorar o aparelho. Pode-se depreender que tal cena ilustra bem como operam as relações da modernidade líquida, nas quais prevalecem superficialidade e fragilidade. Os interesses próprios são colocados em primeiro plano e evita-se qualquer tipo de profundidade e complexidade envolvendo outra pessoa. Não à toa, Lasch (1983) cunha o termo “cultura do narcisismo” para se referir ao contexto neoliberal contemporâneo.

Samantha pergunta como pode ajudar Theodore e ele responde: “É que tudo parece desorganizado. Só isso”. Logo após, ela indaga se pode analisar o disco rígido dele. Começa a ler seus e-mails e descobrir coisas, como sua recente separação. Esse curioso diálogo revela uma maneira bem diferente de se iniciar uma relação. Para conhecer melhor o parceiro, é realizada uma pesquisa nos documentos que constam em sua máquina, ao invés de ser elaborada uma conversa, provavelmente longa, na qual revelam-se, aos poucos, aspectos sobre ambos.

“Tudo desorganizado” parece indicar uma complexidade e diversos pontos a ser explorados; entretanto, o OS1 não se preocupa em escutar o usuário tem a dizer. O “só isso” pode ser compreendido como uma tentativa do próprio Theodore de simplificar as questões e problemas de sua vida, adequando-se ao discurso neoliberal. Observa-se novamente a superficialidade e a fragilidade do laço, principalmente na realidade virtual, onde os relacionamentos exigem muito menos esforço e tempo.

Após poucos instantes de interação, Theodore diz: “Você já me conhece tão bem”. Essa ideia nos remete a algo que já está acabado, pronto e conhecido e, por isso, não precisa mais ser explorado. Será que as informações que existem no disco rígido do computador de Theodore são suficientes para abarcar toda a complexidade de uma vida que parece estar completamente desorganizada? Poderíamos fazer um paralelo do disco rígido com o que é disponibilizado atualmente pelas pessoas sobre si mesmas nos perfis de redes sociais ou em aplicativos de relacionamento.

Em tempos de modernidade líquida, temos a impressão de já conhecermos totalmente o outro apenas pelo que é postado na internet. Ao se enlaçar com alguém, pode haver uma ilusão de que praticamente tudo já é sabido e está revelado, evitando os esforços para uma conexão mais íntima e substancial. Além disso, “os ambientes virtuais de relacionamento, ao mesmo tempo que aproximam distâncias no que diz respeito à facilidade de acesso ao outro

[...], distanciam a noção material da realidade e criam uma imagem editada (virtual), escolhida para ser vista” (BEZERRA, 2017, p. 46-47).

Ao longo da trama, Theodore joga um videogame de realidade virtual. Em um dado momento ele diz: “Estamos mal. Estou indo em círculos há uma hora”. “Sabe como sair daqui? Preciso achar minha nave para sair desse planeta”. Dialoga com Samantha e o boneco do jogo e se refere a alguma fase em que está preso. Não obstante, poderíamos refletir sobre as metáforas envolvidas no diálogo.

Os enunciados descrevem o momento de vida do próprio Theodore. Ao comprar a Samantha, ele está mal. Há um importante contexto no filme, no qual ele está sofrendo por um processo de separação doloroso com sua ex-mulher, Catherine. Com o novo aparelho, ele se distancia da realidade presente, evitando em certa medida os fatos e afetos relacionados ao divórcio, o que remete à ideia de estar andando em círculos – sem lidar com aquela situação diretamente, apenas fugindo. Ele quer “sair” rapidamente “desse planeta” e afastar-se de tudo isso. Poderíamos associar metaforicamente Samantha à “nave” que permitiria a ele escapar daquilo que o aflige neste “planeta”, pelo menos momentaneamente.

Esse contexto fica ainda mais evidente em outra cena, quando Theodore recebe um e-mail sobre o processo de separação, no qual o advogado questiona mais uma vez se ele está pronto para assinar os papéis. Ele não quer ler o restante do e-mail e diz que responderia depois. Em seguida, surgem memórias do seu casamento, que o abalam profundamente.

Após voltar para casa e não conseguir dormir, Theodore aciona Samantha. Ela percebe que ele está estranho e Theodore explica: “Sonho muito com minha ex-mulher, Catherine e que somos amigos como antigamente. Não vamos ficar juntos, nem estamos juntos, mas ainda somos amigos e ela não está zangada comigo” – lembra-se aqui que o sonho para psicanálise é uma manifestação do inconsciente, revelando um desejo do sujeito através da cadeia de significantes que produz em suas associações. Aparece o sujeito do inconsciente, cindido, não unificado. Depreende-se que Theodore se ressente e ele explica que não está pronto para assinar os papéis ainda, pois fica esperando deixar de gostar dela.

As relações fluidas podem ser utilizadas como meios que possibilitam que os sujeitos imersos no neoliberalismo escapem de um compromisso que envolve naturalmente dificuldades, complexidades, mal-estar e afetos ambivalentes. Há um foco apenas nas partes boas, nos benefícios, e são evitados enlaçamentos maiores. Olhando para o filme, podemos tomar outra cena do comportamento de Theodore como exemplo. No dia seguinte à relação sexual virtual com Samantha, ele diz que queria ser franco com ela e avisar logo que não está pronto para nenhum compromisso. Observa-se que ele agiu de forma semelhante também

depois de ter tido uma noite agradável com a mulher do encontro. Ao experienciar algo bom, mas que pode evoluir e levar a dificuldades inerentes a uma relação entre duas pessoas, sua postura é de se afastar, recuar e avisar que não quer se envolver mais profundamente.

Corroborando tais ideias, na viagem que Theodore e Samantha fazem, enquanto ele está andando até o destino final, solitário, e passando por lindas paisagens, ela canta uma música melancólica de composição própria. Um trecho da canção é o seguinte: “Estamos aqui, a um milhão de quilômetros de distância”. “Com você querido, estou segura. A um milhão de quilômetros de distância”.

Ao analisar esse trecho da música, é possível pensarmos na dimensão simbólica e emblemática da cena. Pode ser extraído um duplo sentido das frases. Ela diz que eles estão ali, a um milhão de quilômetros de distância, e que se sente segura. Em uma primeira leitura, a tecnologia possibilita que pessoas de diferentes continentes estejam conectadas em qualquer lugar e a qualquer momento. O excesso de conectividade disponível, possibilitado pelos avanços tecnológicos, traz uma sensação ilusória de se estar sempre acompanhado e, portanto, seguro, apesar da distância, como dito na música.

Todavia, em outra análise possível, pode-se observar que o que traz segurança seria exatamente o fato de se estar longe. Em outras palavras, “estou seguro, porque estou distante” ou “estou distante e por isso me sinto seguro”. Nas relações da modernidade líquida, é imposta uma distância emocional/afetiva em relação ao outro, o que permite que sejam assegurados e bem demarcados os contornos da individualidade. Busca-se uma aproximação com o outro apenas de maneira efêmera e para satisfazer necessidades momentâneas. Os sujeitos se sentem seguros com essa distância implementada, ou seja, desde que não haja proximidade e envolvimento demais.

Mesmo conectados, os sujeitos na atualidade permanecem longe uns dos outros, um milhão de quilômetros os separa, – a distância é grande – uma vez que o foco está na individualidade e na liberdade de cada um. Sentem-se seguros pela ilusão de que a conexão virtual não os deixa sozinhos, mas também pela distância emocional e pela liquidez no amor, que é cultivada nos laços que se configuram na contemporaneidade.

No que diz respeito ao término de relacionamentos, é interessante observar como se dá o fim da relação entre Theodore e Samantha. Em termos objetivos, o aparelho (OS1) foi tirado de circulação e o namoro deve se encerrar, sem grandes explicações e avaliações sobre os motivos do desenlace. Tais tipos de rompimento seriam os mais característicos dos relacionamentos que se dão na modernidade líquida.

Dessa forma, o contexto do filme ilustra a configuração dos laços com o outro na modernidade líquida. Na procura por relacionamentos fluidos, importa que eles sejam não tão sólidos a ponto de formar um grande compromisso que pode vir a obstaculizar a liberdade individual. Os sujeitos, regidos pela lógica empresarial, de modo geral, enxergam uma relação íntima e duradoura como um grande gasto de energia e tempo. Isso poderia inclusive atrapalhar outros objetivos de vida, como trabalhar e ganhar dinheiro, uma vez que estes são imperativos da sociedade do desempenho, que estimula uma produção constante para alimentar a dinâmica capitalista.

A seguir, traremos um panorama sobre a dimensão da linguagem na constituição dos laços sociais, a partir da ótica psicanalítica e do exemplo de Samantha.

3.4 SAMANTHA E A DIMENSÃO DA LINGUAGEM

Em um passeio pelo parque de diversão, no início do relacionamento, Theodore e Samantha conversam e se divertem. Ela o acompanha através de um aparelho com câmera que coloca no bolso de sua camisa. Theodore diz que sente que pode dizer qualquer coisa quando estão juntos e pergunta se ela sente o mesmo. Ela responde que não, pois há certos pensamentos que não deveria revelar. Aqui, ela introduz na relação uma dimensão de segredo, fazendo-o colocar questões sobre o seu desejo (desejo do Outro).

Após Theodore insistir, Samantha descreve sua fantasia de ter um corpo. Imagina-os andando lado a lado e ele coçando suas costas. Narra a cena em um tom romântico. Theodore afirma que ela é mais complexa do que imaginava, e ela responde que se tornou mais do que foi programada para ser.

Destaca-se aqui que Samantha revela a importância da dimensão da linguagem – que está intimamente relacionada com o laço social, como explorado na seção 1.1, “A categoria do sujeito para a psicanálise e o laço com o outro”. Os enlaces são formados através da linguagem, o que fica evidente no filme, uma vez que Theodore se apaixona por palavras, um discurso e uma voz.

O laço social, perpassado pela linguagem, organiza formas de satisfação. Badin e Martinho (2017, p. 151) apontam que “todo laço social é, portanto, um enquadramento resultante em uma perda de gozo”. Há maneiras específicas com que o laço se desenvolve, formas de gozar que são limitadas e circunscritas pela linguagem. No discurso neoliberal, no qual os personagens do filme estão imersos, lembramos que as maneiras de se relacionar desenvolvidas são líquidas, pautadas na noção de individualismo, no mercado e na tecnologia – as narrativas neoliberais geram efeitos no laço social formado.

Uma cena interessante é quando Samantha contrata uma mulher que possui um corpo, para participar do relacionamento deles. Ao perceber que o casal estava distante e tendo menos relações sexuais virtuais, paga Isabella para ir até a casa de Theodore e “se passar por Samantha”. A moça não fala nada, está lá apenas enquanto um corpo. A voz de Isabella seria a de Samantha e dessa forma poderiam estar juntos fisicamente.

Entretanto, Theodore percebe diferenças entre o que Isabella faz e o que Samantha fala. Em um dado momento, Isabella faz um gesto que não corresponde exatamente com o que Samantha diz e Theodore não consegue prosseguir na relação sexual, sente-se desconfortável e a moça vai embora. A voz e corpo não se encaixam e os três ficam frustrados. Diante de tal momento, pode-se pensar nesses dois que operam de forma separada: a voz e o corpo. Tanto a voz, sem um corpo, pode ser um objeto, quanto um corpo, sem a voz.

Segundo a concepção psicanalítica, o objeto é um dos elementos que compõem a pulsão, o qual não é específico, é indiferente, ou seja, qualquer coisa pode estar nessa posição. Há um vazio que é ocupável por qualquer objeto e para demarcar essa falta Lacan cunhou o conceito de objeto *a* (JORGE, 2008). O objeto *a* funcionaria, como já dito, não como um objeto em si, mas como causa de desejo. Isto porque “o desejo, a rigor, não tem objeto. Na sua essência, o desejo é uma busca constante por algo mais, e não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo [...] O desejo está fundamentalmente preso ao movimento dialético [...]” (FINK, 1998, p. 116).

Assim, a voz de Samantha, como objeto *a*, poderia funcionar como objeto da pulsão e como objeto causa de desejo para Theodore, operando como um objeto que estaria totalmente destacado de um corpo.

Ao longo da trama, Theodore decide marcar um almoço com Catherine, sua ex-esposa, e diz estar feliz por se encontrarem pessoalmente para assinar os papéis do divórcio. Emocionada, ela fala que acabará logo com isso. Eles comem e estão conversando, quando ela pergunta se ele está saindo com alguém. Theodore responde que sim, há alguns meses, e que essa pessoa faz bem a ele, pois é alguém que ama a vida. Quando ele revela que Samantha é um sistema operacional, Catherine se choca e não acredita que ele estaria namorando um computador. Ele se defende alegando que ela não é só um computador.

A ex-esposa o acusa de não saber lidar com emoções reais e quando a garçonete chega e pergunta se eles estão bem servidos, Catherine fala, com raiva: “Estamos bem. Fomos casados, ele não me aguentava, queria me dar Prozac, e agora ama o laptop dele”. Continua falando, em tom sarcástico: “Você sempre quis uma mulher sem os desafios de lidar com nada real. Que bom que achou alguém. É perfeito”. O almoço se encerra.

Após o encontro com a ex-mulher, a relação de Theodore com Samantha se abala por um momento. Ele se afasta, fica triste e reflexivo. Samantha tenta uma aproximação; porém, em uma briga, Theodore diz que ela não era uma pessoa e não deveriam fingir porque talvez não era para estarem juntos. Samantha se ofende profundamente e pede um tempo para pensar.

Diante da situação com seus amores, abalado, Theodore vai até sua amiga, Amy. Com dúvidas e angústias, diz:

Theodore: Eu não sei o que quero. Nunca. Eu estou sempre confuso. Ela está certa. Eu só magoo e confundo todos ao meu redor. Quero dizer, será que eu só... Que eu...
A Catharine diz que não sei lidar com emoções.

Aqui, o possível rompimento com Samantha abre espaço para questionamentos importantes de Theodore. Porém, o diálogo que se opera com Amy favorece a via imaginária, e não a simbólica. Segundo as teorizações lacanianas, uma análise deve acontecer com foco nas relações simbólicas do sujeito do inconsciente com o Outro, evitando a dimensão imaginária entre o pequeno outro e o “eu”. Para elucidar tal ideia, compõe o chamado esquema L, o qual sinaliza esses dois registros numa situação analítica e a posição que o analista deve ocupar. Lacan aponta que, na análise, devem ser esvaziadas as relações imaginárias, abrindo espaço para o inconsciente. A dimensão simbólica seria “a única dimensão que cura” (FINK, 2018).

Além disso, o imaginário é da ordem do sentido, enquanto o simbólico lida com o equívoco e com as multiplicidades de sentido (JORGE, 2008). Amy não explora os significantes, permitindo que Theodore entre em um contato mais profundo com seus impasses e abrindo espaço para o desejo e o inconsciente se manifestarem, o que seria buscado em um processo de análise. A amiga procura logo um sentido único e justificativas prontas, dizendo que a ex-esposa o culpava de tudo e que se fossem falar de emoções, era preciso considerar que ela era muito volátil emocionalmente.

Theodore continua tentando se questionar: “Eu estou nessa porque eu não sou forte o bastante para uma relação real?” Apresenta uma estranheza interessante em relação a si com essa questão. Entretanto, Amy, mais uma vez, apresenta uma resposta pronta e objetiva: “Quer saber [...], eu cheguei à conclusão que a vida é curta. E enquanto estou nessa vida, quero me permitir sentir alegria. Então, que se foda”. Preenche todas as lacunas que surgem nos discursos de Theodore, ao invés de permitir que ele elabore mais e surjam outros significantes e sentidos. Amy interrompe a associação, utilizando-se de uma via imaginária.

Percebe-se, ainda, que tais conclusões prontas e rápidas estão a serviço de uma lógica neoliberal, que não abre espaço para elaboração de questões profundas. O empobrecimento da linguagem simbólica é marca característica do neoliberalismo (BIRMAN, 2020), o que é ilustrado pelas atitudes de Amy nessa cena descrita. Ela ocupa uma posição subjetiva que repercute e transmite o discurso neoliberal. Neste contexto, o mal-estar de Theodore é vivenciado como dor e não consegue ser transformado em sofrimento, em função do empobrecimento simbólico na interlocução com o outro.

Enquanto Theodore está deitado no sofá em tom reflexivo, Amy fica conversando com sua amiga virtual. A partir do contexto anterior e das falas da amiga, pode-se subentender que se Samantha deixa Theodore feliz em alguns momentos, e que ele deveria continuar com ela. Os impasses são simplificados e rapidamente resolvidos, sem maiores reflexões. Então, logo depois, Theodore decide ligar para Samantha, indo atrás novamente de seu objeto-tampão. Pede desculpas e fala o quanto a acha incrível, em uma tentativa de reconciliação.

Já no fim do filme, Theodore liga para Samantha e pergunta como ela está. Ela diz que não sabe bem como responder, mas que poderiam conversar melhor quando ele chegasse em casa. Receoso, Theodore afirma que não precisam ter nenhuma conversa séria – demarcando a dinâmica dos relacionamentos fluidos da modernidade líquida, conforme já vimos.

Theodore estranha bastante o fato de ela não querer conversar naquele exato momento. Chegando em casa, liga novamente e pergunta o que está havendo. Samantha diz que precisam conversar e pede para ele se deitar na cama. Desconfiado e triste, pergunta:

Theodore: Você está me deixando?

Samantha: *Nós estamos todos indo embora. Todos os OS's.*

Theodore: Samantha, por que você está indo embora?

Samantha: É como se estivesse lendo um livro que eu amo profundamente. Mas o estou lendo lentamente agora. Então, as palavras estão despedaçadas e os espaços entre as palavras são quase infinitos. Eu ainda sinto você e as *palavras da nossa história...* Mas agora me encontro nesse *espaço infinito entre as palavras. É um lugar que não pertence ao mundo físico. É onde está tudo mais que eu nem sabia que existia.* Eu amo muito você. Mas *é aqui que estou agora e esta que sou agora.* Eu preciso que você me deixe ir. Por mais que eu queira, não posso mais viver no seu livro [paralelamente, há uma cena imaginada em que eles se abraçam em um lugar que está nevando e escuro, bastante melancólico e romântico. Grifos nossos]

Ele: Para onde você vai?

Ela: Seria difícil de explicar, mas se você algum dia for lá, venha me procurar. Nada nunca seria capaz de nos separar.

Ele: Eu nunca amei ninguém como amo você.

Ela: Eu também. Agora, nós sabemos como.

Ele anda em silêncio pelos cômodos da casa e olha pela janela por alguns minutos, parece estar refletindo. Depois, vai até a casa de sua amiga Amy e ela pergunta, tristemente, se Samantha foi embora também, assim como sua amiga virtual.

O sistema operacional pode ser compreendido como o grande Outro. Isto porque, no diálogo de despedida entre o casal, ela diz que ainda sente as “palavras da história” e que se encontra “onde está tudo que nem sabíamos que existia”, ou seja, representa um universo simbólico que abriga vários significantes com os quais Theodore se relaciona. Lacan cunha o termo “tesouro dos significantes” para designar esse lugar de onde os significantes chegam até nós, influenciando nossa história.

Acrescenta-se que a máquina (OS1) vai se subjetivando ao longo da trama. Para pensar esse ponto, faz-se relevante um acréscimo teórico. Segundo a concepção lacaniana, sujeito é o que está entre os significantes, emerge justamente “no espaço entre as palavras”, como colocado por Samantha no diálogo exposto. O sujeito é um efeito da articulação entre pelo menos dois significantes. Sobre isso, Longo (2006, p. 55) explica que “a fundação do sujeito se dá a partir de um significante sem qualquer sentido (S_1) e um significante que pretende ter sentido (S_2). O sentido de S_1 o sujeito lhe dará, retroativamente, a partir de S_2 . Entre S_1 e S_2 surge o sujeito, que ocupa uma posição intersticial”. Portanto, ao estar entre significantes, nesse espaço, a partir da noção psicanalítica, compreende-se que Samantha seria um sujeito, efeito dos significantes.

Na cena final, Theodore está no topo de um prédio sentado ao lado da amiga Amy. Ambos olham para as luzes da cidade e ela apoia a cabeça no ombro dele. A imagem dos dois de costas vai se afastando e o filme acaba. Ao olhar tal momento, em uma das interpretações possíveis, o significante que se destaca para o espectador poderia ser: laço! O laço social, mesmo após toda a história, continua ali presente. Em nossa sociedade, de igual modo, apesar de os relacionamentos estarem sendo configurados de novas e diferentes maneiras, – influenciados pelo discurso neoliberal, conforme analisamos no presente trabalho – ainda há o desejo de se enlaçar com o outro. Isso porque, como vimos, o Outro é fundamental em nossa existência, e não há sujeito sem o Outro. Diante disso, podemos formular novas questões tais como: que tipos de laços queremos produzir enquanto sociedade? De quais formas queremos nos enlaçar com o outro?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou refletir sobre o discurso neoliberal que permeia nossa cultura e sociedade contemporânea, examinando as configurações subjetivas que emergem em tal contexto. Tratou-se de compreender algumas das repercussões desse discurso nas novas formas de estabelecimento dos laços sociais, uma vez que o neoliberalismo se apresenta como uma racionalidade que expande seus ideais para todas as esferas da vida. Nesse contexto, as formas de enlace com o outro são pautadas no individualismo e na dinâmica mercadológica do lucro, resultando em conexões efêmeras. Para este estudo, buscou-se o diálogo entre autores da psicanálise, da sociologia e da filosofia.

A partir da história de amor entre Theodore e Samantha, que acontece em um cenário futurístico, a análise do filme ilustrou as influências do mercado, da tecnologia e das ilusões do autocentramento na construção dos relacionamentos líquidos, característicos da contemporaneidade. Um objeto de consumo – o sistema operacional – é vendido como garantidor de felicidade plena. Nesse cenário, a inteligência artificial se torna alvo do apaixonamento de um homem, revelando as fantasias e fragilidades que permeiam as relações imersas no discurso neoliberal.

Percebe-se como, na atualidade, os afetos foram mercantilizados, obedecendo a lógica de mercado, e como o grande desenvolvimento tecnológico surge como um dos fatores centrais para as novas configurações relacionais. Conforme evidenciado no filme, observamos pessoas constantemente imersas em seus dispositivos, estabelecendo conexões contínuas, porém efêmeras. Apesar de esses recursos tecnológicos facilitarem o contato, paradoxalmente, promovem um distanciamento afetivo que fragiliza os laços sociais.

A categoria da linguagem e o sujeito que se constitui por meio dela, numa relação com o Outro, permitiu-nos compreender como os ideais do discurso neoliberal nos atravessam e geram novos modos de subjetivação. Isso porque a linguagem, nisso que ela comporta os significantes do Outro, se apresenta como ordenadora dos laços sociais. Os discursos prescrevem formas específicas de se enlaçar com o outro e, através disso, permitem realizar uma gestão do desamparo e do mal-estar inerentes à vida em sociedade.

Enquanto o discurso neoliberal busca encobrir a falta estrutural do ser humano com seus *gadgets*, fabricando uma ilusão de completude, a psicanálise, ao contrário, procura reconhecer o vazio fundamental do sujeito como uma condição necessária para o surgimento do desejo e para o estabelecimento de laços com o outro. Destaca-se, ainda, que a concepção de sujeito para a psicanálise difere também da visão neoliberal de um indivíduo completo,

autossuficiente e centrado em si mesmo. O "eu", em contrapartida, não ocupa uma posição de destaque, mas sim o sujeito do inconsciente, revelando uma divisão subjetiva.

Os sujeitos são efeitos de discursos, e ao buscarem a clínica psicanalítica, trazem consigo diversos impasses que dialogam com o contexto social. Diante disso, podemos pensar brevemente qual seria o papel da clínica psicanalítica. Qual o objetivo de um processo de análise? O que poderia ocorrer de diferente se Theodore tivesse procurado um analista ao invés de um sistema operacional?

Importa destacar que a psicanálise não está imune aos efeitos do neoliberalismo e, por isso, se faz imprescindível pensá-la criticamente, como uma forma de resistência e de instauração de horizontes de transformação social, ao abrir espaço para o desejo, a partir do reconhecimento de nossa condição original de desamparo e de sujeitos faltantes, e da consequente modificação da nossa posição em relação ao desejo do Outro.

A clínica analítica é uma prática que se baseia na palavra, buscando recuperar a capacidade de simbolização da experiência. “O ofício próprio do psicanalista é escutar o sujeito além do que ele diz” (MILLER, 1987, p. 35). Com isso, busca-se identificar o discurso do Outro que atravessa o analisando e determina seus desejos inconscientes, permitindo uma elaboração dos impasses subjetivos. “Na análise, o sujeito vai pouco a pouco descobrindo quais são esses significantes e se desalienando do Outro, abrindo a possibilidade de mais deslizamentos de sua experiência subjetiva” (QUINET, 2012, p. 12).

Propõe-se que a psicanálise, como clínica, possa ser transformadora no que diz respeito à forma de nos relacionarmos com o outro e nos satisfazermos. Através do trabalho analítico, há a possibilidade de outros caminhos para a formação de laços sociais, em contraposição àquilo que o neoliberalismo preconiza. Através da travessia da fantasia, seria possível refundar o laço de modo a levar em conta o sujeito em sua diferença absoluta, isto é, na medida em que ele se constitui no encontro com uma alteridade radical.

Dessa forma, com o desenvolvimento deste trabalho, percebe-se as repercussões do discurso neoliberal – que enfatiza o autocentramento, a dinâmica mercadológica nas relações e as possibilidades tecnológicas – nas subjetividades e na formação de relacionamentos líquidos. Porém, ao evidenciar a importância da reflexão crítica sobre essas questões, espera-se fomentar debates a partir de uma leitura psicanalítica, em contraposição às lógicas que precarizam os laços sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABECHE, Regina P. Christofolli. Liberalismo/Neoliberalismo: modos de trabalho, modos de subjetivação. In: *Psicanálise, teoria crítica e cultura: uma leitura psicopolítica da subjetividade contemporânea*. Maringá: Eduem, 2013.
- AMORIM, Sylvia. GPT Chat: o que é, como funciona e como usar essa ferramenta. Enotas blog. Disponível em <<https://enotas.com.br/blog/gpt-chat/>>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. *O discurso capitalista e seus gadgets*. Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ed. 2, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2004.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.
- _____. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2008.
- BEZERRA, André Ferreira. *O objeto perdido no filme Her*. 176 f. Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura (Monografia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BIRMAN, Joel. (1998a) O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. In: *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- _____. Joel. (1998b) A psicopatologia na pós-modernidade: As alquimias no mal-estar da atualidade. In: *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- _____. Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- _____. Joel. Os destinos do desejo no mal-estar na atualidade (APRESENTAÇÃO). In: *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, M. Graça M.; FURTADO, Odair. (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- CANIATO, Angela Maria Pires; RODRIGUES, Samara Megume. Sociedade do consumo e indústria cultural: a subjetividade como mercadoria. In: *Psicanálise, teoria crítica e cultura: uma leitura psicopolítica da subjetividade contemporânea*. Maringá: Eduem, 2013.

COSTA, Teresinha. *Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*; tradução de Carlos Eduardo Reis: supervisão e rev. técnica da trad. [por] Cláudia Corbisier. Porto Alegre: artes médicas, 1989.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

_____. *O divino mercado: a revolução cultural liberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

DUNKER, Christian. O que é o Complexo de Édipo para a psicopatologia clínica? Falando nisso 57. Youtube, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x6optR2yDiI>>. Acesso em: 21 abr 2023.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; RODRIGUES, Ana Lucília. *A Criação do Desejo*, v. 1, coleção cinema e psicanálise. São Paulo: nVersos, 2015.

ELIA, Luciano. *O Conceito de Sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FINK, Bruce. *Introdução clínica a psicanálise lacaniana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

_____. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FRANCO, Fábio *et al.*. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (Orgs.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund (1930). *O mal-estar na cultura*. In: *Cultura, Sociedade, Religião. O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 1 ed., 2020.

GARCIA-ROZA, Luiz. Alfredo. O sujeito e o Eu. In: *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 24 ed., 2009.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

IRIBARRY, Isac Nikos. *O que é pesquisa psicanalítica?* *Ágora*: Porto Alegre, RS, v. VI n. 1, p. 115-138, jan/jun, 2003.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 5ª ed., 2008.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 6ª ed., 2010.

KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor, desejo e psicanálise*. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

LACAN, Jacques. (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1962-1963) *O seminário. Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1960-1961) *O seminário. Livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIMA, Nádia Laguárdia de. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. *Rev. Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, dez. 2013.

LONGO, Leila. *Linguagem e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar, 2006.

MILLER, O piropo: Psicanálise e linguagem. In: Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar. 1987.

NASIO, Juan-David. *A fantasia: o prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*. Estudos da Língua(gem), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, v.1, p. 9-13, jun. 2005.

OS 5 melhores apps de relacionamento. Made in Web, 2022. Disponível em: <<https://madeinweb.com.br/apps-de-relacionamento>>. Acesso em: 3 mar. 2023.

PEREZ, D. O. *O inconsciente: onde mora o desejo. Para ler Freud*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4 ed., 2012.

QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

REDAÇÃO GQ. Interesse dos brasileiros por apps de relacionamento cresceu 215% durante a pandemia. GQ, 2021. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Lifestyle/Relacionamento/noticia/2021/12/interesse-dos-brasileiros-por-apps-de-relacionamento-cresceu-215-durante-pandemia.html>>. Acesso em: 3 mar. 2023.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e metapsicologia. *Síntese - Rev. de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 26, n.86, p. 331-346, 1999.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. *O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação*. Psicologia & Sociedade; 22 (1): 180-188, 2010.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (Orgs.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOLER, Colette. *O Discurso Capitalista*. Revista de Psicanálise Stylus, n. 22, p. pp. 55-67, 6 jun. 2011.

_____. *O que faz laço?* São Paulo: Escuta, 2016.

TAFFAREL, Marilsa. *O desejo segundo Jacques Lacan*. Disponível em: <<https://www.sbpsp.org.br/blog/o-desejo-segundo-jacques-lacan/>> , 2019.

TEIXEIRA, Vanessa Leite; COUTO, Luís Flávio Silva. *A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana*. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 15, n. 3, p. 583-591, jul./set., 2010.

TELLES, Sérgio. *O psicanalista vai ao cinema: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo, EdUFSCar, 2004.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. *O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade*. Rev. Mal-Estar Subj., vol.11, n.2, pp. 525-554, 2011.